



**Universidade de Brasília**  
**Faculdade de Comunicação**  
**Departamento de Jornalismo**

## **A TRADUÇÃO DA NOTÍCIA**

Língua e informação no jornalismo internacional

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Araújo de Sá

Júlia Libório Rocha Lima

Brasília

2013

Júlia Libório Rocha Lima

## **A tradução da notícia**

Língua e informação no jornalismo internacional

Monografia apresentada à Universidade de Brasília  
como requisito parcial para obtenção do título de  
bacharela em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Araújo de Sá

Brasília

2013

Júlia Libório Rocha Lima

## **A tradução da notícia**

### Língua e informação no jornalismo internacional

Monografia apresentada à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de bacharela em Comunicação Social – Jornalismo.

#### Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Sérgio Araújo de Sá (orientador)

---

Prof. Dr. Solano do Nascimento (membro)

---

Prof. Dra. Zélia Leal Adghirni (membro)

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago (suplente)

Julho/ 2013

*“Dos traidores refugiados consuetudinariamente no ofício da tradução,  
(...) todos os recursos são bons quando no fundo da retorta alquímica brilha o  
ouro de que falava Píndaro na primeira Olímpica;  
por isso se sabe de Judas alquimistas que não vacilam em esconder um  
grão de ouro no chumbo, simulando a transmutação para o príncipe  
cobiçoso, enquanto continuam procurando-a solitários e,  
quem sabe, encontrando-a. Terreno equívoco e apaixonado onde se passa  
da versão à invenção.”*

*Julio Cortázar*

*Aos meus pais,  
e às pessoas de cinco minutos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Ana Clara e Guilherme, que me apoiam em tudo que faço e que serão sempre a verdadeira razão de tudo isso;

À minha família, por me fornecer a genética e o ambiente necessários para que eu esteja me tornando, aos poucos, uma pessoa da qual eles possam se orgulhar;

Aos meus amigos, pela ajuda nos momentos de desespero e pelo suporte tanto nos momentos de distração quanto nas horas do “acorda!”;

Ao meu orientador, Sérgio de Sá, pela paciência e pelas conversas que muitas vezes ultrapassaram os temas deste trabalho e abriram a cabeça para novas ideias;

Ao Prof. Solano Nascimento, pela paciência, orientação e disposição exercidas durante o jornal-laboratório Campus no primeiro semestre de 2011, que foi a experiência mais completa em jornalismo que eu já tive em toda a minha graduação;

À Profa. Zélia Adghirni, pelo esforço dedicado à minha formação, que muitas vezes me abriu os olhos e me fez respeitar e entender melhor a profissão de jornalista;

E àquelas pessoas com as quais cruzamos sem querer nas ruas e que, direta ou indiretamente, te dão aquele empurrãozinho que faltava. Muitas vezes, foram vocês que me proporcionaram a disposição para continuar.

## RESUMO

A proposta desse trabalho é analisar a tradução e o tradutor no jornalismo internacional e seu papel na transmissão do fato noticioso. O jornalismo internacional, como um espaço de intercâmbio cultural e linguístico, foi escolhido como o palco para o estudo da intersecção entre jornalismo e tradução e para a análise das consequências desse encontro. Além da pesquisa bibliográfica e teórica sobre o assunto, alguns casos foram escolhidos para ilustrar o tema. A discussão torna-se ainda mais pertinente num mundo de culturas e línguas cada vez mais acessíveis.

Palavras-chave: Jornalismo, tradução; fluxo de notícias internacional; intermediários; língua

## **ABSTRACT**

This paper intends to analyze translation and the translator in the international journalism and their role in the transmitting the fact. International journalism, as a space of cultural and linguistic exchange, was chosen as a stage for studying the intersection between both fields and for the analysis of the consequences of this encounter. Besides the bibliographic and theoretical research, case studies were chosen to illustrate the theme. This discussion becomes even more relevant in a world of cultures and languages increasingly accessible.

Key words: Journalism; translation; international flow of news; intermediaries; language



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Tipos textuais e critérios relevantes para a tradução. Adaptado e traduzido de SNELL-HORNBY, 2009 .....	24
FIGURA 2 – Fluxo de notícias internacional. MCNELLY, 1959.....	32
FIGURA 3 – Processos intraindividuais do Gatekeeping (adaptado e traduzido de SHOEMAKER, <i>apud</i> VUORINEN, 1986).....	47

## SUMÁRIO

SUMÁRIO .....	10
1. INTRODUÇÃO .....	11
2. METODOLOGIA.....	13
3. A VILA GLOBAL – LÍNGUA, COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO .....	15
4. A TRADUÇÃO.....	17
4.1 Uma abordagem integrada .....	17
4.2 A tradução como evento transcultural .....	18
4.3 O papel do tradutor.....	20
4.4 O jornalismo na tradução.....	22
5. O JORNALISMO INTERNACIONAL .....	25
5.1 Acontecimento, valor-notícia e notícia no jornalismo internacional .....	27
5.2 Os comunicadores intermediários .....	30
5.3 Jornalista internacional, correspondente internacional e enviado especial.....	32
5.4 As agências de notícias internacionais.....	35
6. A OBJETIVIDADE .....	41
7. A TRADUÇÃO NO JORNALISMO .....	45
7.1 A tradução nas teorias do jornalismo .....	46
7.1.1 Espelho.....	46
7.1.2 Gatekeeping .....	47
7.1.3 Organizacional.....	49
7.1.4 Ação política .....	50
7.1.5 Construcionista.....	52
7.1.6 Estruturalista.....	54
7.1.7 Interacionista .....	55
8. CASOS ILUSTRATIVOS.....	57
8.1 O pé de Valcke .....	57
8.2 E outros desentendimentos .....	61
8.3 Definindo papéis .....	63
8.3.1 O jornalista-tradutor.....	64
8.3.2 O intérprete.....	66
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	71
ANEXOS .....	75

## 1. INTRODUÇÃO

Vivemos cada vez mais integrados, multiculturais e multilíngues. A quebra de barreiras geográficas e espaciais com a ajuda da internet nos proporciona uma variedade e quantidade de informações cada vez maior e acessível. Estamos em contato constante com o outro, seja por curiosidade ou por necessidade. Nesses termos, o jornalismo internacional desempenha um papel fundamental: o de intermediário entre duas culturas.

Ao difundir notícias sobre um país para outro, ele não está transpondo informações; ele também ajuda a transmitir valores e a criar uma imagem daquele país na cultura-alvo. O jornalista internacional também encontra uma outra dificuldade – a da língua. Além de hoje em dia o acesso a informações ser mais fácil, essa informação é também mais variada tanto em conteúdo quanto em forma, e o jornalista se encontra muitas vezes tendo que ler, interpretar e reescrever signos de outra língua para a sua. Seja ao receber matérias de agências internacionais, seja por meio de uma apuração própria, o jornalista se depara muitas vezes com situações em que uma atividade de tradução se faz necessária – realizada por ele mesmo ou por terceiros, no caso de apurações em uma língua que ele não domina.

A pergunta então é: a tradução, como agente intermediário no processo de produção da notícia, influencia a matéria final e sua recepção pelo público? Há perda ou mudança de sentido da informação?

A tradução no jornalismo ocorre em níveis intermediários entre autor, texto e leitor. O presente trabalho procura entender esses três papéis e a partir daí delimitar como a tradução funciona na lacuna do autor até o texto e do texto até o leitor, quando a informação precisa transpor barreiras linguísticas durante esse caminho, e como isso influencia a transmissão do fato noticioso e sua recepção final. Dessa forma, o presente trabalho se propõe a exemplificar situações onde o encontro entre jornalismo e tradução ocorre, e quais são as suas consequências na recepção da notícia,.

A partir de exemplos do dia a dia do trabalho jornalístico, procuramos consolidar como esse encontro ocorre e como pode haver uma interferência (ruído) ou até mesmo uma distorção da notícia na transposição de um fato de uma cultura para a outra, quando há confusões linguístico-culturais. Utilizamos o conceito de interculturalidade como fator de aproximação entre os dois campos, na transposição e adaptação de fatos noticiosos para diferentes culturas. Assim, pretendemos mostrar que há um espaço e uma necessidade no jornalismo internacional para o estudo da tradução, já que as duas áreas lidam com conceitos correspondentes e comuns.

Para entender essa área comum, abordamos em uma primeira instância conceitos de linguagem, sociedade, cultura e globalização, introduzindo logo em seguida a tradução e seu papel na “vila global”. Depois partimos para o jornalismo internacional, um dos principais agentes do fluxo de informações entre as diversas nações e culturas existentes no mundo atual.

Analisando as particularidades desse campo jornalístico bem como a de seus atores e instituições, procuramos áreas onde atividades tradutórias se fazem presentes, com o que estabelecemos pontos de encontro com o jornalismo a partir de suas principais teorias modernas. Então, a partir de casos ilustrativos, pudemos oferecer exemplos reais e concretos de atividades tradutórias no jornalismo que causaram algum tipo de distorção durante o processo de produção da notícia ou em seu produto final e recepção pelo público.

## 2. METODOLOGIA

O estudo começou com a leitura sobre a tradução e seus atores, assim como sobre o mundo no qual a atividade tradutória se faz necessária. Depois, procurou-se entender outro campo proeminente na configuração mundial atual, o jornalismo internacional. Ao juntar-se os dois campos, vimos que há um terreno rico de aproximações e situações interessantes. A partir disso, apresentamos alguns casos dessa intersecção entre os dois campos para ilustrar os estudos teóricos.

A primeira parte do trabalho fez-se por meio da pesquisa de conceitos da tradução sob uma abordagem intercultural (BASSNETT, 2009; SNELL-HORNBY, 1983; ALVAREZ e AFRICA-VIDAL, 1996). Procuramos entender o papel do tradutor e o seu poder nos encontros entre comunidades linguísticas (BASSNETT, 1996; AIXELÁ, 1996) para estabelecer um paralelo com o papel do jornalista e o poder que este exerce na sociedade. Ainda sob a ótica da tradução, delimitamos como esta enxerga o jornalismo e quais as definições para a área dentro dos estudos tradutórios.

Na segunda parte da pesquisa refletimos sobre o jornalismo internacional (NATALI, 2009; AGUIAR, 2008), fazendo um resgate histórico e conceitual, partindo então para os seus componentes, como as agências de notícias e os jornalistas, dentre eles os correspondentes internacionais e enviados especiais. Assim, pudemos posteriormente entender como acontece o fluxo de notícias internacional e quais são os personagens que atuam nesse trânsito, seja como agentes diretos ou comunicadores intermediários (MCNELLY, 1963). Assim, pudemos delimitar o que torna um acontecimento visível no ambiente internacional, quais os seus valores, o que o faz noticiável (GALTUNG e RUGE, 1985). Procuramos também conceituar a ideia de objetividade jornalística (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003), para a partir dela conseguir analisar como a tradução influencia o jornalismo por este conceito.

Em terceira instância, fez-se necessário trocar a ênfase, ou seja, passar a analisar a tradução pelas lentes do jornalismo. Para continuar refletindo dentro do campo teórico, tornou-se interessante estabelecer alguns paralelos entre as

teorias do jornalismo (TRAQUINA, 2009) e a atividade tradutória, para apreendermos os momentos em que a diversidade linguística se torna um fator presente na organização jornalística e a tradução se torna mais um dos processos realizados dentro da dinâmica das organizações jornalísticas.

Procuramos casos da imprensa internacional que exemplificassem o encontro entre tradução e jornalismo. Pudemos notar, em seguida, que muitas vezes traduções simplificadas ou erradas podem causar ruídos e distorções na transmissão do fato, que muitas vezes chega destituído de seu significado original ou embutido de novos significados que não o constituíam originalmente. Um dos principais exemplos encontrados foi o do secretário-geral da FIFA, Jerome Valcke, que em 2012 fez uma declaração polêmica sobre a Copa do Mundo de 2014 no Brasil e desculpou-se alegando um erro na tradução de suas declarações. A partir daí, procuramos outros casos que tivessem essa mesma característica, a de distorções na tradução, e que pudessem corroborar com a ideia de que uma tradução malfeita no jornalismo pode causar problemas e confusões na recepção do fato em uma cultura diferente da sua de origem.

Durante essa pesquisa outro ponto ganhou a atenção, que foi a do papel dos agentes intermediários no próprio processo de apuração da notícia, visto majoritariamente na figura do interprete. Daí, procuramos analisar também os problemas de tradução durante o processo de produção de uma notícia, e que também poderiam causar mal-entendidos e distorções na recepção final de uma matéria.

A principal fonte para os casos foi a mídia online, em sites de e sobre jornalismo, e em outros trabalhos acadêmicos sobre a tradução no jornalismo.

### 3. A VILA GLOBAL – LÍNGUA, COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A sociedade atual é altamente integrada e em rede, estando 24hs conectada. O acesso à informação é cada vez mais fácil, rápido e interativo, além de seu próprio volume, que aumenta a cada instante. De acordo com Bassnett e Bielsa, a globalização ocorre principalmente por dois pontos fundamentais: a transposição de barreiras espaciais e a centralização do conhecimento e da informação, que resultam:

(...) no aumento da mobilidade das pessoas e objetos e um maior contato entre comunidades linguísticas distintas. Logo, a globalidade não é apenas manifestada na criação de espaços supraterritoriais na área bancária e financeira, na produção de *commodities* (...) e de mercados globais, mas também no crescimento da significância de viajar e dos movimentos internacionais de pessoas (turismo em massa, viagens a negócios, migração e exílio), e a consolidação de um sistema de comunicações global que distribui imagens e textos para virtualmente qualquer lugar no mundo.<sup>1</sup> (BASSNETT e BIELSA, 2009: 18)

Como vemos, o problema não é a disponibilidade de informação, que pode ser facilmente transposta de um espaço para o outro por meios tecnológicos e virtuais. Na realidade, um outro tipo de barreira se impõe – a linguística. Para Schaffner, a primeira questão a ser colocada quando pensamos neste novo panorama da comunicação é: em qual língua iremos nos comunicar em um nível global? (cf. SCHAFFNER, 2000: 2).

Notadamente, os nossos ambientes sociais atuais são caracterizados por uma grande diversidade cultural e étnica. Estamos cada vez mais dependentes de pessoas que não compartilham da nossa cultura. E, com isso, surgem dificuldades quando indivíduos de origens culturais distintas precisam se comunicar verbalmente. “Quando os backgrounds se distinguem, reuniões podem ser

---

<sup>1</sup> No original: “In the increased mobility of people and objects and a heightened contact between different linguistic communities. Thus, globality is manifested not only in the creation of supraterritorial spaces for finance and banking, commodity production (...) and global markets, but also in the increased significance of travel and international movements of people (mass tourism, business travel, migration and exile), and the consolidation of a global communications system which distributes images and texts to virtually any place in the world”.

pautadas por mal-entendidos, deturpações mútuas de eventos e avaliações erradas” (GUMPERZ e COOK-GUMPERZ, 1982: 02)<sup>2</sup>.

Apesar da visível noção do inglês como “língua franca“, há um crescimento também na necessidade da tradução, que funciona como mediadora na comunicação global (cf. BASSNETT e BIELSA, 2009). Entre os fatores que aumentam a demanda pela produção de traduções, Clark, com base em Darwish, coloca a “internacionalização, globalização, localização, a unificação da Europa, a guerra global ao terror, a internet, a TV a satélite”<sup>3</sup> (CLARK, 2009: 07).

---

<sup>2</sup> No original: “When backgrounds differ, meetings can be plagued by misunderstandings, mutual misrepresentations of events and misvaluations. “

<sup>3</sup> No original: “Internationalization, globalization, localization, the unification of Europe, the global war on terror, the Internet, satellite television”.



## 4. A TRADUÇÃO

A pesquisa se iniciou com a leitura de livros sobre a tradução, procurando entender em quais níveis esse campo de estudos se relacionava com o campo de estudos do jornalismo. Nesse capítulo vamos procurar entender alguns conceitos da tradução para podermos enxergá-la como um processo intercultural, com a informação sendo transmitida linguisticamente de uma cultura para outra.

### 4.1 Uma abordagem integrada

Um estudo mais integrado da tradução com outras áreas do conhecimento é defendido por Mary Snell-Hornby, que enxerga a tradução como um evento transcultural (*tradução de cross-cultural event, no original*). A partir dessa visão, consideramos a linguagem como precedente ao pensamento, ou seja, o último sendo condicionado pela primeira. Isso nos mostra como a língua está completamente inserida dentro de uma cultura – sendo assim, na hora de traduzir um texto, seu grau de transponibilidade está diretamente ligado à cultura na qual ele está inserido e na distância com a cultura-alvo (SNELL-HORNBY, 1983: 41). A linguagem, então, é uma parte intrínseca da cultura de uma nação. Ainda no mesmo contexto, podemos citar Aixelá (1996, 57): “(...) em uma língua tudo é culturalmente produzido, a começar pela própria língua”.<sup>4</sup>

A tradução ganhou respeito como um tema digno de estudos acadêmicos com a ascensão de disciplinas como a sociolinguística e os estudos culturais, que consideram a linguagem como um campo de variabilidade infinita e sua relação com o comportamento humano, sua percepção do mundo, sua cultura e comunicação.

Segundo Roman Alvarez e M. Carmen África-Vidal (1996), estudos mais contemporâneos da tradução já estão atentos para a necessidade de uma

---

<sup>4</sup> No original:“(...) in a language everything is culturally produced, beginning with language itself”.

pesquisa mais profunda sobre a transposição do conhecimento de uma cultura para a outra.

A teoria contemporânea de tradução se divide, segundo Roman Jakobson (*apud* GENTZLER, 2001: 21), em três subáreas: tradução *intra*lingual (reescrita de sinais em uma mesma língua), *inter*lingual (reescrita de sinais em línguas distintas) e *intersemiótica* (transferência ou transmutação dos sinais de um sistema linguístico para sinais de outro sistema). Sendo assim, “a teoria da tradução pode envolver o estudante em toda a rede intersemiótica de língua e cultura, tocando todas as disciplinas e discursos” (*idem*).

#### **4.2 A tradução como evento transcultural**

Estudos da tradução na década de 1980 na Alemanha (Honig e KuBmaul, ReiB e Vermeer; Holz-Manttari in Snell-Hornby, Mary, 1988) enxergam a tradução não como um simples processo de transcodificação, mas sim como um ato de comunicação; eles se orientam para a função do texto-alvo mais do que para as particularidades do texto-fonte; logo, o texto é uma parte integral do mundo e não um exemplar isolado de linguagem. Assim sendo,

O texto está inserido numa dada situação, a qual é condicionada por seu *background* sociocultural. A tradução é então dependente da sua função de texto “implementado” na cultura de destino, onde há tanto a alternativa de preservar a função original do texto-fonte em sua própria cultura quanto a de mudar sua função para adaptá-lo às necessidades específicas da cultura-alvo. (SNELL-HORNBY, 1988: 44)<sup>5</sup>

Para Vermeer (*apud* SNELL-HORNBY, 1988: 42), a tradução é muito mais do que uma questão de língua ou de linguagem, é um evento transcultural em que o tradutor deve ser bicultural ou até mesmo pluricultural. Relacionado com essa

---

<sup>5</sup> No original: “The text is embedded in a given situation, which is itself conditioned by its sociocultural background. The translation is then dependent on its function as a text ‘implanted’ in the target culture, whereby there is the alternative of either preserving the original function of the source text in its own culture or of changing the function to adapt to specified needs in the target culture”.

ideia está o trabalho da tradutora finlandesa Justa Holz-Manttari (*apud* SNELL-HORNBY, 1983: 49), que vê o ato de traduzir como uma ação entre culturas – o tradutor realiza toda uma série complexa de ações que resulta numa comunicação através de barreiras, pautada no texto-alvo e em sua função específica dentro daquela cultura.

Snell-Hornby defende que deve haver uma quebra nas rígidas barreiras das teorias da tradução estudadas até a década de 1980, fechadas muitas vezes apenas na tradução literária, pois elas não dão conta de todas as sutilezas da tradução. Para ela, deve haver uma remoção da divisão entre a linguagem literária e os “outros” tipos de linguagem em geral, tanto como entre a tradução literária e os “outros” tipos de tradução, entre elas a tradução jornalística, já que:

Mesmo as linguagens especiais são caracterizadas pela metáfora, e a linguagem jornalística se baseia em ferramentas “literárias” tais como a aliteração e o jogo de palavras. É tudo uma questão de qualidade e intensidade, não de uma diferença básica. (SNELL-HORNBY, 1983: 44)<sup>6</sup>

O ponto de intersecção entre os diversos tipos de tradução está numa abordagem hermenêutica dessa área de estudos – as normas sociais e linguísticas não são vistas como restritivas, e sim como dependentes do potencial criativo do indivíduo. E é o uso controlado desse potencial e das infinitas variedades de relação que existem entre norma, regra e as possibilidades do sistema linguístico que criam o ponto de contato entre linguagem literária e linguagem comum. Podemos estabelecer, então, uma aproximação entre a linguagem jornalística e a linguagem literária.

Para Derrida (*apud* BASSNETT, 1996: 11), não há um sentido absoluto ou um original incontestável no processo de tradução, este sendo um processo dinâmico e gerador de múltiplos significados. Afinal, nenhuma língua é

---

<sup>6</sup> No original: “Even special languages are characterized by metaphor, and journalistic language abounds in “literary” devices such as alliteration and word-play. It is all a question of quality and intensity, not one of a basic difference.”

suficientemente igual a outra para as considerarmos como representantes da mesma realidade social (SAPIR *apud* BASSNETT e BIELSA, 2009: 07)

### 4.3 O papel do tradutor

Alvarez e África-Vidal discutem o poder político da tradução. Para eles, o estudo da tradução é sem dúvida “uma exploração de relações de poder dentro da prática textual e que reflete estruturas de poder em um contexto cultural mais amplo”<sup>7</sup> (ALVAREZ; AFRICA-VIDAL, 1996: 01). O tradutor, inserido nessa visão cultural da tradução, teria o poder de criar artificialmente a recepção de um texto em uma determinada cultura, se tornando a autoridade que manipula cultura, política, literatura e a sua aceitação ou não aceitação na cultura de destino.

Afinal, traduzir não é apenas criar um texto equivalente ao outro, e sim um processo complexo de reescrita que implica um equilíbrio, muitas vezes instável, entre uma cultura e a outra. O tradutor pode submeter o texto a um processo de aculturação que o domestica, causando uma falsa sensação de familiaridade no leitor, ao criar imagens da cultura fonte para aqueles que não têm acesso, na cultura de destino. Essa imagem pode ser muito diferente da realidade, já que o tradutor está preso por várias amarras – ideológicas, poéticas, econômicas, entre outras, e inserido em sua própria comunidade cultural e linguística (cf. ALVAREZ e AFRICA VIDAL, 1996: 05).

Sobre o tradutor e suas comunidades culturais e linguísticas, Aixelá comenta:

A assimetria cultural entre duas comunidades linguísticas é necessariamente refletida nos discursos de seus membros, com a potencial opacidade e a falta de aceitação que isso possa envolver para o sistema da cultura-alvo. Logo, enfrentada com a diferença implicada pelo outro, com uma série completa de signos culturais capazes de refutar e/ou questionar nosso próprio modo de vida, a tradução traz à sociedade receptora toda uma gama de estratégias (...). (AIXELÁ, 1996: 54)<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> No original: “(...) an exploration of power relationships within textual practice that reflect power structures within the wider cultural context”.

<sup>8</sup> No original: “Cultural asymmetry between two linguistic communities is necessarily reflected in the discourses of their members, with the potential opacity and unacceptability this may involve for the

Neste sentido, ainda podemos citar o trabalho de Susan Bassnett, que compara a tradução com a experiência colonial; para ela, a fonte ou original detém o poder enquanto a cópia ou colônia é destituída desse poder através do mito da transparência e da objetividade na tradução (cf. BASSNETT, 1996: 21).

Para a autora, o tradutor possui um papel vital no processo interpretativo, mesmo ele sendo frequentemente visto como um ator secundário que desempenha um processo mecânico gerador de uma versão mais pobre que a original. Teorias mais recentes colocam o tradutor como fundamental para a história cultural e literária, sendo ele responsável muitas vezes por atividades subversivas e radicais (cf. BASSNETT, 1996: 13), como na tradução da *Bíblia*, quando os tradutores considerados “hereges”, ou seja, que traduziam usando termos considerados vulgares ou como heresia eram condenados à morte.

Dolet (*apud* BASSNETT, 1996: 14) cria, em 1540, cinco regras que os tradutores devem seguir para realizar uma boa tradução. São elas: entender totalmente os sentidos e o tema do autor que ele traduz; conhecimento perfeito da língua-fonte; não entrar na “escravidão” da tradução literal; ser “corajoso” o suficiente para usar uma linguagem mais corriqueira e evitar arcaísmos e latinismos excessivos; e, por último, o tradutor deve observar as figuras de linguagem e organizar as palavras de forma a tornar o texto prazeroso e harmonioso para o leitor.

A tradução, afinal, não é apenas um simples processo de reescrita e de reestruturação linguística. Conforme afirmam Edwin Gentzler e Maria Tymoczko, ela é muito mais que isso:

Tradução, logo, não é um simples ato de reprodução fiel e sim um ato de seleção, compilação, estruturação e fabricação deliberado e consciente – e até mesmo, em alguns casos, de falsificação, refutação da informação, imitação, e criação de códigos secretos. Dessa forma é que

---

target cultural system. Thus, faced with the difference implied by the other, with a whole series of cultural signs capable of denying and/or questioning our own way of life, translation provides the receiving society with a wide range of strategies (...)."

tradutores, tanto quanto escritores e políticos, participam dos atos que criam o conhecimento e modelam a cultura. (GENTZLER e TYMOCZO, *apud* BASSNETT, 2009: 07)<sup>9</sup>

O tradutor, então, funciona como uma figura que contrabalanceia dois mundos, e cujas lealdades se dirigem a ambos. Exatamente por isso, sua figura é vista com suspeita e até mesmo com ansiedade, já que ele é responsável por aproximar o que não é familiar e por agir como o mediador entre duas culturas que podem até, em certos casos, ser antagônicas (BASSNETT, 2009:09).

#### **4.4 O jornalismo na tradução**

O campo da tradução midiática ainda não é muito explorado, nem por teóricos da tradução, nem por teóricos do jornalismo (cf. BASSNETT e BIELSA, 2009). Mesmo assim, já pode-se ter acesso a estudos expressivos na área, como as teses de Polchlopek e Zisper, no Brasil, e Bassnett, Clark e Bielsa, internacionalmente. Os trabalhos citados, todos realizados por profissionais fora da Comunicação Social (tradução e filosofia), apresentam uma visão do jornalismo intrincada nos conceitos da tradução e que pode nos ajudar a entender melhor como esses dois campos se entrelaçam.

Para Bassnett e Bielsa, algumas discussões sobre estilo e forma, comuns às teorias da tradução clássicas voltadas para a literatura, param de ter sentido quando falamos de tradução jornalística. Porém, as ideologias fundamentais continuam iguais para qualquer tipo de tradução, e é isso que pretendemos abordar aqui nesse trabalho. A rapidez da informação e a preocupação com o “furo” são dois aspectos que também influenciam a preocupação, na tradução, com o estudo do jornalismo. Veremos mais sobre o assunto depois.

---

<sup>9</sup> No original: “Translation thus is not simply an act of faithful reproduction but, rather, a deliberate and conscious act of selection, assemblage, structuration, and fabrication – and even, in some cases, of falsification, refusal of information, counterfeiting, and the creation of secret codes. In these ways translators, as much as creative writers and politicians, participate in the powerful acts that create knowledge and shape culture”.

Snell-Hornby, ao sugerir sua visão mais integrada dos estudos da tradução, inclui a tradução jornalística como “Tradução de Linguagem Geral” (*General Language Translation*).<sup>10</sup>

Na visão de Snell-Hornby, ferramentas consideradas apenas literárias (como o jogo de palavras) podem ser acomodadas tanto nos textos de jornais quanto na linguagem publicitária. Esse conceito de tradução é mais voltado para a função comunicativa do texto-alvo (SNELL-HORNBY, 2009: 34).

Polchnolpek e Zipser colocam o jornalismo e a tradução, embora sendo atividades distintas, como baseando-se num mesmo ponto, o da leitura da notícia, ou tradução do fato noticioso:

No contexto dessa lógica, presumimos que nossa leitura dos acontecimentos seja, assim como a tradução, apenas uma das muitas que um mesmo fato pode receber, de acordo com a cultura para a qual se destina, permitindo-nos tecer comparações acerca destas áreas – tradução e jornalismo – e trabalhar com um conceito de tradução que difere dos moldes reconhecidamente mais tradicionais. (POLCHNOLPEK e ZIPSER, 2006: 46)

Sobre as matérias jornalísticas podemos ainda afirmar que, assim como as traduções, elas estão sujeitas a certos filtros culturais e a condições histórico-geográficas que “atuam no processo de constituição de sentido dos textos, auxiliando o leitor quanto à compreensão dos fatos e acontecimentos” (POLCHNOLPEK e ZIPSER, 2006: 46). Ou seja, o jornalismo também é visto como um processo de transposição cultural.

Allen Stanley Clark (2009), em sua tese de doutorado sobre a crise da tradução de notícias árabes sobre a Al-Qaeda pela mídia ocidental, explica a globalização e o novo fluxo internacional de notícias como características da sociedade ocidental que criaram uma necessidade para o estudo da tradução no jornalismo. A tradução no que diz respeito ao jornalismo, portanto, é uma questão que chama a atenção em um mundo globalizado que precisa cada vez mais de profissionais com múltiplas competências:

---

<sup>10</sup> VER ANEXO 2

Considerando a longa história da influência da mídia internacional em guiar, balancear, alterar e manipular a opinião pública, conforme documentado por Lippmann desde 1956, pareceria justificado explorar os padrões jornalísticos na imprensa internacional e o processo tradutório no fluxo de informações. (CLARK, 2009: 08)<sup>11</sup>

Na Era da Informação, principalmente, o jornalismo e a tradução exercem um papel indispensável:

Não apenas eles informam o leitor, mas eles também facilitam o próprio fluxo de informação. (...) Para conduzir uma tradução, é preciso procurar informações; e para conseguir informações, é preciso traduzir também. Quando se trata do uso da língua, parece importante notar qual influência cada atividade exerce sobre o seu leitor; é por isso que a jornalistas e tradutores é comumente atribuído um enorme poder manipulativo. (VYBÍRALOVÁ, 2012: 08)<sup>12</sup>

Lavault-Ollén e Sauron lembram que, entre as práticas dos cursos universitários de tradução, a tradução jornalística é uma das mais realizadas e que, para os tradutores que trabalham com a tradução jornalística, as notas de imprensa são o ganha-pão desses profissionais, bem mais que os artigos. Elas também atentam para o fato de que muitas traduções erradas feitas por jornalistas são constantemente notadas e corrigidas por tradutores profissionais em fóruns na internet (cf. LAVAULT-OLLÉON e SAURON, 2009).

---

<sup>11</sup> No original: "Considering international media's long history of influence on guiding, swaying, altering, and manipulating public opinion, as documented by Lippmann as long ago as 1965, it would seem warranted to explore journalistic standards in international press agencies and the translation process in information flow."

<sup>12</sup> No original: "Not only do they inform the reader, but they also facilitate the flow of information itself. (...) in order to carry out a translation, one needs to search for information; and to achieve some information, one needs to translate as well. When it comes to the use of language, it seems important to realize what influence both activities have over their reader's; that is why journalists and translators are often ascribed an enormous manipulative power."



## 5. O JORNALISMO INTERNACIONAL

Com a criação da *newsletter*, no século XIV – que nessa época era voltada para a transmissão de notícias econômicas, não jornalísticas – vimos nascer também o embrião do jornalismo político e econômico voltado para assuntos internacionais (cf. NATALI, 2009: 21). O jornalismo foi, em sua primeira instância, internacional, pois se tratava da coleta e difusão de notícias que nasciam em lugares distantes. Com a incorporação de novas tecnologias à imprensa, ficou cada vez mais fácil ter acesso a estas notícias, o que mudou a dinâmica da sua produção (cf. NATALI, 2009: 21-30).

Para exemplificar em termos numéricos, a cobertura da Guerra Civil americana contou com a presença de 150 correspondentes, que apuravam as notícias *in loco* e as repassavam para os escritórios de seus respectivos jornais. Foi pela época e pela demanda de mais informações por um preço menor que nasceu a ideia da produção de um mesmo material para muitos órgãos, o que deu origem às agências de notícias como as conhecemos hoje. As agências de notícias estão presentes no cerne da estrutura jornalística internacional.

No Brasil, o jornalismo internacional esteve muito pouco presente nas primeiras décadas de atividade jornalística. Ele começou a ficar mais expressivo com o telégrafo, quando não se precisava mais esperar quase um mês para que as notícias chegassem da Europa. Isso levou à publicação simultânea de notícias. De acordo com Aguiar (2008), a editoria Internacional nos jornais brasileiros foi de constituição tardia, tendo surgido apenas no final dos anos 1950. Além disso, há uma grande concentração na localização de produção dessas notícias no eixo Rio-São Paulo, “uma vez que jornais de pequeno e médio porte não têm como sustentar uma estrutura de correspondentes expatriados e acabam por reproduzir conteúdos de agências (nacionais e transnacionais) e de outros jornais maiores” (AGUIAR, 2008: 05).

É uma editoria que trabalha demais com notícias provenientes de outras fontes, como as agências de notícias. A partir daí, podemos identificar duas situações-problema. A primeira provém da falta de abordagens diferentes:

Mesmo redes mundiais de informação por televisão, como a CNN e a BBC, utilizam os serviços das agências para o registro de acontecimentos em locais nos quais não tenham equipes próprias. É por isso inevitável que as abordagens caiam em uma sistemática mesmice. (NATALI, 2009: 48)

A segunda, da falta de contextualização dos fatos para o público ao qual aquela matéria se destina (nesse caso específico, o Brasil):

Também se deve ressaltar característica intrínseca da *Inter* de descrever a alteridade, o diferente, o estrangeiro, e o quão distanciado está o objeto da notícia internacional, muitas vezes, para um público em grande escala iletrado e sem acesso a cargas culturais e informativas que contextualizem os fatos – algo que a imprensa deve, mas nem sempre pode, suprir. É uma área em que a construção da notícia recorrentemente é dependente de material fornecido por agentes externos ao veículo, quase sempre estrangeiros – agências de notícias, jornais e TVs europeus e norte-americanos – que não têm preocupação alguma em suplementar o fato, contextualizando a informação para o público brasileiro, ou em criar comparações com a nossa realidade. (AGUIAR, 2008: 04)

O que aparece ou não aparece nos noticiários também é de suma importância para que entendamos as dinâmicas do jornalismo internacional. Afinal, nem todas as notícias conseguem e podem aparecer no noticiário diário. Ele não é um retrato exato do mundo:

Muita coisa que é vista no futuro como de capital importância histórica é diariamente deixada de lado. E, ao mesmo tempo, certos temas sem importância histórica nenhuma acabam virando notícia porque interpelam a mitologia do nosso mundo cotidiano. (NATALI, 2009: 12)

Para entender melhor quais são os critérios de tomada de decisão do que aparece e do que fica de lado no jornalismo internacional, vamos analisar alguns valores-notícia.

### 5.1 Acontecimento, valor-notícia e notícia no jornalismo internacional

Quando discutimos o processo de transmissão de informações no jornalismo internacional, ou o fluxo internacional de notícias e uma tradução ou transposição entre culturas, nos deparamos com alguns questionamentos interessantes: o que é a notícia e o que é a informação nesse panorama internacional? O que categoriza um fato como de importância internacional?

Galtung e Ruge (1965) dividem a organização social humana em dois níveis: o interindividual e o internacional, independentes um do outro e que aumentam o valor da máxima “tudo é relevante” à medida que se relacionam cada vez mais. O que é e o que não é notícia vai ser definido pelos atores: “Assim, o mundo é composto por atores individuais e nacionais, e uma vez que é evidente que a ação se baseia na imagem que o ator faz da realidade, a ação internacional será baseada na imagem da realidade internacional” (GALTUNG e RUGE, 1965: 62).

Galtung e Ruge sistematizaram e classificaram alguns conceitos-chave no que diz respeito à seleção de fatos a serem transmitidos no noticiário internacional da seguinte forma:

- **Frequência:** tempo necessário para o acontecimento se desenrolar e adquirir significado. “Se a frequência do sinal estiver fora da sintonia, não se fará o registro” (idem, 63).
- **Threshold: intensidade absoluta e aumento de intensidade :** aqui entra a ideia da amplitude de uma onda de rádio; existe um limiar que deve ser ultrapassado pelo acontecimento para que ele seja noticiado. “Quanto mais violento o assassinio, maiores serão os títulos (ibidem, 64).
- **Inequivocidade:** quanto menos ambiguidade (ruído) houver, mais o acontecimento será notado. É uma questão de precisão.
- **Significância: proximidade cultural e relevância:** aquilo que for

mais significativo, familiar, mais próximo ou que, mesmo tendo acontecido em terras geograficamente distantes, pode ser trazido por meio de um padrão de conflito que implica algo para o receptor; aproxima-o.

- **Consonância: *predictabilidade e exigência***: quanto mais consonante com a imagem mental do que se espera, mais chances o acontecimento terá de ser ouvido. O que está muito longe da expectativa não será tão facilmente registrado.
- **Imprevisibilidade: *impredictabilidade e escassez***: não é suficiente o acontecimento ser apenas significativo ou consonante, ele tem que ser também inesperado e/ou raro.
- **Continuidade**: aquilo que foi uma vez considerado como notícia manterá esse status mesmo que a amplitude seja reduzida. “O canal foi aberto e fica parcialmente aberto para justificar, em primeiro lugar, o fato de estar aberto” (ibidem, 66).
- **Composição**: a noção aqui é a de equilíbrio na composição de um jornal. Ou seja, a quantidade de notícias de um determinado tema – seja ele internacional ou nacional – também determina o que entra e o que não entra na edição final.
- **Referência a nações de elite**: os acontecimentos que se referem às nações de elite serão mais provavelmente transformados em notícias. Essa classificação parte do pressuposto de que “a elite pode ser utilizada, em certo sentido, para falar de toda a gente” (ibidem, 67)
- **Referência a pessoas de elite**: a personificação. Os acontecimentos onde existe um sujeito ou uma coletividade nos levam a considerar aquele evento como consequência das ações dessa pessoa. É também uma consequência direta da concentração elitista.
- **Referência a pessoas**: também a ideia de personificação, como resultado de um idealismo cultural, com o homem como dono de seu próprio destino e os acontecimentos como resultado de seus atos de livre vontade. Há uma necessidade de identificação, e os

acontecimentos são apresentados como o resultado de forças sociais, “como resultados mais estruturais do que idiossincráticos da sociedade que os produziu” (ibidem, 68).

- **Referência a algo negativo:** as notícias negativas satisfazem melhor o critério de frequência, pois o positivo leva mais tempo para ser realizado. Os acontecimentos negativos são mais atuais e culminantes. Elas também serão mais consensuais, no sentido de que haverá mais acordo sobre a sua interpretação como um acontecimento negativo. Além disso, são mais consonantes com as imagens do nosso tempo e mais inesperadas, preenchendo mais facilmente os critérios de valor-notícia que utilizamos.

Todos esses fatores são inter-relacionados e passarão por um processo de *seleção, distorção e repercussão*. Quanto maior a cadeia, mais os processos de seleção e distorção terão lugar.

O jornalista perscruta os fenômenos (na prática, esquadrinhando outros jornais) e seleciona e distorce, e o mesmo faz o leitor quando recebe o produto acabado, as páginas de notícias, e o mesmo ainda fazem todos os intermediários. E o mesmo fazem, supomos, as pessoas de um modo geral quando relatam algo. (GALTUNG e RUGE, 1965: 72)

Cohen (1963) afirma que, entre os jornalistas que cobrem política externa, uma das concepções mais comuns de valor-notícia é a de que “grandes nomes fazem notícia”<sup>13</sup> (COHEN, 1963: 55). Ou seja, o presidente seria sempre digno de atenção internacional, tanto quanto figuras públicas e oficiais. Outra ideia bastante utilizada é a de “conflito, controvérsia, crise” (COHEN, 1963: 56). Dentro dessa concepção do que seria de interesse internacional estão dois tipos de construção de notícias feitos pelos jornalistas: o relatar as notícias e o fazer as notícias (“*reporting the news*” e “*making the news*”).

Outro valor-notícia relacionado ao jornalismo internacional é o da

---

<sup>13</sup> No original: “Big names’ make news”.

celebridade, ou seja, do jornalismo “*people*” (cf. NATALI, 2009: 63-68).

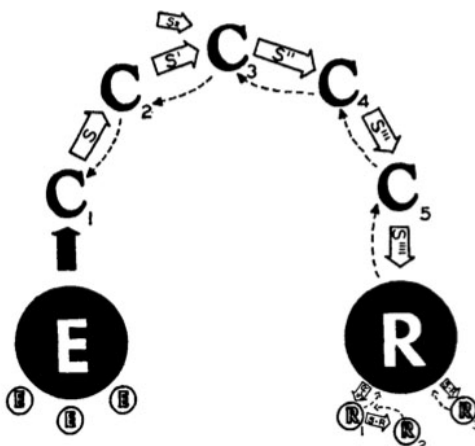
A partir do que foi exposto acima, vemos que esses valores-notícia do jornalismo internacional nos permitem dividir espacialmente os acontecimentos em três instâncias. Primeira: a notícia internacional de interesse internacional – ou seja, fatos que acontecem em ambiente considerado “internacional” e que geram notícias de interesse internacional. A segunda é a da notícia doméstica de interesse internacional – fatos que ocorrem local ou nacionalmente e que ganham interesse internacional com base na abundância de algum valor-notícia. E a terceira é a da notícia internacional de interesse doméstico – fatos que ocorrem em ambiente internacional mas que terão valor-notícia apenas para algum público local ou nacional.

## **5.2 Os comunicadores intermediários**

Em um estudo de 1959, John T. McNelly cria um modelo para o fluxo internacional de notícias. Segundo ele, a informação começa no correspondente internacional, que é o elemento-chave desse fluxo, e termina no receptor. Entre esses dois pontos há uma imensa corrente de intermediários que participam direta ou indiretamente do processo. E, naturalmente, essa informação passa por várias etapas de edição antes de chegar ao destino final. A maioria das notícias internacionais tem sua origem nas agências de notícias e, portanto, “o *gatekeeping* mais importante é feito antes de a notícia chegar ao editor de um jornal” (MCNELLY, 1959:24)<sup>14</sup> (abordaremos o conceito de *gatekeeping*, bem como sua relação com a tradução, mais profundamente no capítulo 7). Segundo McNelly, as decisões de notícias globais são tomadas nas grandes redes informacionais.

---

<sup>14</sup>No original: “the most important gatekeeping is done before the news reaches the wire editor of a newspaper”.



**Figura 2 – Fluxo de notícias internacional (MCNELLY, 1959)**

No diagrama, E representa o evento com valor-notícia, que é apurado e transmitido pelo correspondente internacional (C1) por meio de uma história (S). A história então é passada por uma série de intermediários (Cn – editores, tradutores etc.) que podem ou não editá-la e logo em seguida é transmitida ao receptor (R), que por sua vez pode ou não transmiti-la oralmente (Rn).

Posteriormente, Vuorinen (1987) vai inserir o tradutor e a tradução como um dos agentes intermediários nesse fluxo internacional de notícias. Ele, também, seria um dos responsáveis pela manipulação de uma matéria, influenciando a sua versão final. Seria ela, a tradução, também uma espécie de *gatekeeper*. Podemos dizer, logo, que a tradução está presente em uma ou mais dessas etapas da transmissão da informação; seja feita pelo tradutor ou pelo próprio jornalista.

Vemos, então, que a notícia passa por diversas etapas e está sujeita a diversas modificações, sejam derivadas da tradução sejam da política editorial – ou até mesmo censura. É um processo altamente sujeito a erros (cf. McNelly, 1959).

McNelly abre o espaço para a pesquisa sobre esses agentes intermediários no processo do *newsmaking* internacional, e atenta para o papel do correspondente internacional no ponto de partida dessa rede de informações.

### **5.3 Jornalista internacional, correspondente internacional e enviado especial**

Para entender o fluxo internacional de notícias, é imprescindível que conheçamos a figura do correspondente. Ele é, primeiramente, um jornalista que se estabelece em uma ou diversas partes do mundo e abastece a rede de informações mantida pelas agências de notícias. Mas também, quando o jornal procura uma cobertura mais independente e autêntica, ele pode enviar seu próprio jornalista ao exterior para não depender das agências. Com o novo cenário tecnológico, é cada vez mais exigido desse profissional uma maior habilidade com os diversos tipos de ferramentas tecnológicas, além de uma produção mais ágil, de maior volume e em diversas mídias (cf. AGNEZ e MOURA, 2012: 281).

Para este trabalho, iremos considerar os jornalistas que trabalham no exterior como correspondentes internacionais e enviados especiais, sendo eles de jornais (impressos ou televisão) ou de agências. O correspondente internacional, segundo Britto (2004), é:

(...) um repórter que tem residência fixa no exterior, especificamente em um país, prestando serviço para uma emissora. Todavia, ele é responsável pela cobertura dos acontecimentos não só no país residente como também em territórios ou nações vizinhas, cuja importância do acontecimento exija a presença e o deslocamento de um repórter. (BRITTO, 2004)

Já o enviado especial difere desse correspondente, segundo Alberto Aor da Cunha,

(...) por ser um repórter escolhido para conseguir informações ou reportagens em um lugar em que a televisão não tem ninguém na área ou, quando há, são inexperientes, sendo que nesse lugar há assuntos regulares de grande valor periodístico. (CUNHA *apud* BRITTO, 2004)

Ao descrever a figura do repórter internacional em Washington, Cohen afirma que este “está consciente do potencial impacto daquilo que escreve, e ‘não quer



criar mais problemas (em política externa) além dos já existentes”<sup>15</sup> (COHEN, 1963: 19).

Para o jornalista Timothy Ash, esse profissional possui três características que devem ser preservadas e impulsionadas: a capacidade de testemunhar, decifrar e interpretar eventos, pessoas e circunstâncias.

Ash fala da interpretação como um dos processos mais importantes no trabalho de um correspondente internacional, e ela pode e deve ser ajudada por pessoas que já tenham mais experiência e pensem criticamente sobre a situação. Logo, essa interpretação não é necessariamente mais bem feita por um olhar estrangeiro:

Observei muitas vezes como correspondentes se apoiam em quebra-galhos, intérpretes, jornalistas locais e algumas fontes julgadas confiáveis – enquanto eles apenas acrescentam umas pinceladas de cor, um punhado de clichês interpretativos e, claro, a hipérbole. Por que não deixar as vozes locais falarem diretamente, complementadas pelas de especialistas acadêmicos de fora dos países em questão? (ASH, 2010)

O intérprete aparece como mais um intermediário no processo de transmissão da notícia internacional – ele vai servir como o “apoio” do jornalista para entender as “vozes locais”.

A fluência na língua local é um requisito indispensável para o correspondente internacional. Nesse caso, ele não contará com intérpretes, a não ser que seja uma língua de difícil acesso (BRITTO, 2004). No caso do enviado especial, essa indispensabilidade é atenuada, pois o jornalista estará no local apenas por um período específico de tempo, frequentemente não muito longo.

Além disso, ele deve estar atento para as diferenças linguísticas entre a língua na qual é feita a apuração e a língua de destino:

Saber traduzir o que foi dito em uma língua estrangeira para a língua do país que será transmitido – no caso, o Brasil –

---

<sup>15</sup> No original: “He does not want to create any more trouble (in foreign policy) than already exists”.

também é importante. As línguas apresentam diferenças de sentido entre as palavras que, aparentemente, podem ser traduzidas automaticamente. (BRITTO, 2004)

Outra competência exigida desse profissional é o conhecimento da cultura do país onde vive, de maneira integrada ao seu conhecimento de mundo (BRITTO, 2004).

Christina Archetti, em artigo sobre o papel dos correspondentes internacionais na diplomacia pública, no qual estuda o caso dos correspondentes britânicos, ressalta que essa é uma relação pouco estudada mas diretamente aplicável e reconhecível na nossa realidade atual. Para ela, o correspondente pode realizar o importante papel de um comunicador diplomático:

Nesse contexto diversos comunicados oficiais em ambos os lados do Atlântico apontaram para a necessidade de os governos engajarem os correspondentes internacionais com o intuito de se comunicarem mais efetivamente com audiências mais amplias. Eles refletem a ideia bastante difundida de que os correspondentes internacionais poderiam exercer um papel extremamente valioso na diplomacia pública – se apenas a eles fosse dada a devida atenção. (ARCHETTI, 2011: 5)<sup>16</sup>

Nas agências de notícias a dinâmica é um pouco diferente da dos grandes jornais e os papéis diferem das ideias de correspondente internacional com as quais trabalhamos até agora. Há dois papéis principais nas agências: os correspondentes internacionais e os jornalistas locais. Os dois cargos trabalham com notícias em várias línguas e com acontecimentos de alcance internacional. Sobre os correspondentes, podemos dizer que são figuras altamente móveis, que normalmente ficam em postos no exterior por períodos de cinco anos, em média, mas que também mantêm conexões estreitas com o país de origem. Sobre o seu trabalho, “eles produzem notícias na língua ‘doméstica’ da agência que não

---

<sup>16</sup> No original: “In this context several official reports on both sides of the Atlantic have pointed to the need for governments to engage foreign journalists in order to communicate more effectively with broader audiences. They reflect the widespread realization that foreign journalists could play an extremely valuable role in public diplomacy—if they were only granted sufficient attention.”

aparecem traduzidas na rede de notícias principal (...) e que podem também ser traduzidas para outras redes“ (BASSNETT e BIELSA, 2009: 65).<sup>17</sup>

De um outro lado estão os jornalistas locados nos escritórios, não diretamente ligados à sede das agências e que são, em princípio, muito pouco móveis, ou apenas móveis regionalmente. “Eles escrevem notícias em sua própria língua e traduzem notícias de outras redes para torná-las disponíveis ao mercado local“ (BASSNETT e BIELSA, 2009: 65).<sup>18</sup>

#### **5.4 As agências de notícias internacionais**

Agora voltamos a um dos agentes mais expressivos no fluxo de notícias internacional – as agências de notícias.

As agências de notícias internacionais são responsáveis por reunir, processar e distribuir notícias para empresas assinantes ao redor do mundo. Elas são organizações globais com a maior infraestrutura para a coleta de notícias, e produzem, além da informação crua, notícias e reportagens mais elaboradas e prontas para serem impressas. Essas notícias podem ser reproduzidas, alteradas e reescritas de acordo com a necessidade da empresa cliente. É como se as agências desempenhassem um papel “invisível“ no fluxo internacional de notícias:

É importante lembrar (...) também a sua função significativa no processo de produção e transmissão de notícias, se o seu papel chave mas frequentemente invisível no mercado global de notícias, o qual em muitos aspectos ecoa a invisibilidade da tradução, for completamente entendido. (BASSNETT e BIELSA, 2009: 34)<sup>19</sup>

As agências surgiram numa época de grande mercantilização da notícia,

---

<sup>17</sup> No original: “They produce news reports in the ‘domestic’ language of the global agency which appear untranslated in the main newswire (...) and may also be translated for other newswires.”

<sup>18</sup> No original: “They write news reports in their own language and translate news reports from the other wires so as to make them available to the local market.”

<sup>19</sup> No original: “It is important to remember (...) also their very significant function in news processing and transmission, if their key but often invisible role in the global news market, which in many aspects echoes the invisibility of translation, is to be fully understood.”

quando os jornais passaram a ser vendidos por preços mais baixos (como o *Le Petit Journal*, em 1863, que era vendido por apenas um *sous* na França) e a serem vistos como um bem comercial:

O novo caráter mercantil da informação factual é mais visível na criação das agências de notícias, organizações comerciais criadas por empresários experientes para reunir e vender informações quando isto se tornou uma comodidade valiosa, do que em qualquer outro lugar. (BASSNETT e BIELSA, 2009:39)<sup>20</sup>

A Agência Havas, a primeira agência de notícias do mundo, criada em 1895 por Charles Havas, começou como um escritório de traduções de jornais estrangeiros para a mídia francesa, o Bureau Havas, em 1892. Apenas três anos depois que o escritório teve suas atividades expandidas para a apuração e produção de notícias, além da tradução. Logo em seguida surgiu a Reuters, seguida de outras grandes empresas como a Agence France Presse e a Associated Press. Importante notar que na origem dessas agências estão homens de negócios cosmopolitas e *multilíngues*.

A principal forma de transmissão de notícias naquele momento era o telégrafo, objeto que está, inclusive, intrinsecamente ligado ao crescimento do jornalismo de agências, que se especializaram em fornecer notícias bem apuradas, com rapidez, não apenas para seus clientes da mídia, mas também para empresas e para o governo. A rapidez e a concisão necessárias para a transmissão de mensagens pelo telégrafo eram características que a nota jornalística e a notícia possuíam, o que as tornaram ideais para essa modalidade de transmissão, especialmente em uma época em que a tecnologia era ainda muito cara. E, apesar de alguns grandes jornais como o *The Times* já possuírem correspondentes no estrangeiro, logo mais eles também se renderiam ao serviço oferecido pelas agências pois elas se mostraram muito eficientes na cobertura de eventos em lugares distantes, como na guerra da Criméia nos anos 1850. Outro

---

<sup>20</sup> No original: "The new mercantile character of factual information is nowhere more visible than in the creation of the news agencies, commercial organizations which were set up by experienced businessmen to gather and sell information when it became a valuable commodity".

ponto importante para o crescimento das agências foi o envio de correspondentes internacionais para cobrir os mercados não-europeus (cf. BASSNETT e BIELSA, 2009).

O telégrafo foi um instrumento importante para o nascimento de um jornalismo global e moderno por seu alcance e rapidez. As primeiras agências de notícias internacionais – Havas, Reuters, Agence France-Presse – todas se utilizavam do instrumento para a difusão de suas notícias e, por isso, fizeram do telégrafo um dos principais responsáveis pela consolidação de seu espaço no mercado. “A significância do telégrafo, que levou pela primeira vez ao estabelecimento de uma infraestrutura global de comunicações, é então não menos importante do que a do vapor”<sup>21</sup> (idem: 41). As agências de notícias eram as únicas a dominar com proeza essa tecnologia.

Foi também nos anos 1850 que as agências como Havas e Reuters começaram a se atentar para a demanda de notícias não europeias. Em 1859 a Reuters iniciou um serviço na China e Índia, mas as notícias ainda levavam muito tempo para chegar em suas sedes. Foi apenas em 1866 que o primeiro cabo transatlântico até a América tornou-se operante. Com o passar do tempo as agências passaram a ampliar suas redes de cobertura e a formar parcerias com outras agências internacionais ou agências nacionais para a obtenção de notícias:

As agências de notícias não apenas desenvolveram uma infraestrutura global para a produção e distribuição de notícias, as quais trouxeram até os eventos mais distantes para os leitores de jornal de forma rápida e precisa, elas também fizeram uma de suas tarefas estender seus valores de imparcialidade e objetividade e práticas discursivas baseadas em descrições factuais mundiais. (BASSNETT e BIELSA, 2009: 44).<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> No original: “The significance of the telegraph, which led to the establishment of a global infrastructure for communications for the first time, is therefore no less important than that of steam.”

<sup>22</sup> No original: “The news agencies not only developed a global infrastructure for news production and distribution, which brought the most distant events to newspaper readers ever faster and more accurately, they also made it their task to extend their values of impartiality and objectivity and discursive practices based on factual description worldwide.”

O desenvolvimento do jornalismo moderno e a globalização, no final do século 19, foram importantes não apenas para a formação de uma consciência de mundo como um todo, mas também para o desenvolvimento de estruturas tecnológicas para a difusão de notícias. Na década de 1960 a tecnologia da informação e a comunicação via satélite provocaram uma revolução parecida com a do telégrafo. As agências de notícias estiveram sempre na frente da exploração de novas tecnologias, e em 1970 foi possível até mesmo acabar com a divisão entre jornalistas e telegrafistas, já que os próprios jornalistas passaram a poder digitar as notícias diretamente no sistema e as tornar disponíveis com apenas um clique (cf. BASSNETT e BIELSA, 2009: 44-45).

Para Oliver Boyd-Barret, após essa ascensão das agências de notícias, vê-se, nesse início de século 21, uma certa instabilidade no campo midiático causado pela Internet, pelo enfraquecimento dos modelos tradicionais de negócios de mídia e pela crise financeira global (cf. BOYD-BARRETT, 2012: 14). As agências têm mudado seus modelos econômicos, passando de um:

(...) negócio das tradicionais operações empresa-a-empresa (“atacadistas”, que fornecem notícias e informações para a “mídia varejista” entre impressa, rádio-teledifusora e *on-line*) para empresa-a-empresa-não-de-mídia ou empresa-a-consumidor (“varejo”), prestando serviços mais diretamente ao usuário final. Elas têm feito isto, em parte, para melhor responder aos desafios e oportunidades da Internet e às limitações inerentes aos mercados de mídia tradicional cujos próprios modelos de negócio implodiram em muitos países. (BOYD-BARRETT, 2012: 15)

A internet, portanto, representa uma revolução tanto econômica quanto de conteúdo para as agências de notícias, nacionais e internacionais. Em um discurso durante a reunião da European Alliance of Press Agencies (EANA), em 2012, o CEO da Agence France-Presse, Emmanuel Hoog, atentou para a crise enfrentada pelo jornalismo impresso na era digital. Essa crise afeta diretamente as agências internacionais, vendo que é de lá que vêm seus principais clientes. Hoog classificou em três as dificuldades enfrentadas pelas agências na era digital, e que, conseqüentemente, as colocam sob pressão. São elas: **velocidade**, **massa** e

## **imagem.**

**Velocidade:** Enquanto o monopólio da velocidade foi sempre o que preservava as agências de notícias, que acabou com a quebra do tempo que a notícia levava para chegar aos clientes, que agora se preocupam com as agências como concorrência. Nunca antes o tempo entre o acontecimento e a liberação da notícia foi tão pequeno (HOOG, 2012).

**Massa:** Aumento no número de profissionais graças ao meio digital. Além disso, surgem os cidadãos atores devido às redes sociais – o que causa ruído, redundância e sobrecarga de informação.

**Imagem:** A palavra escrita não é mais a principal entrada da informação. O audiovisual – fotos, vídeos, áudio e gráficos – se tornam tão importantes quanto.

É importante notar que as agências de notícias divulgam a mesma peça para públicos diversos e heterogêneos: “As agências de notícias pensam em um cliente abstrato ao redigirem seus despachos. Esse cliente pode ser uma emissora de rádio da Tailândia, uma revista semanal da Bélgica ou um jornal diário do Brasil” (NATALI, 2009: 57). Logo, a contextualização fica a cargo do jornal que recebe a notícia. Natali também atenta para o papel da internet nessa tarefa, sendo esta “uma ferramenta barata e de extrema maleabilidade para buscar opiniões de especialistas e informações que contextualizem a matéria bruta que as agências nos entregam” (NATALI, 2009:58). As agências trabalham com notícias de diversas línguas, e a tradução é de suma importância para elas. Podemos notar, por exemplo, que um dos testes para entrar como *news editor* na AFP (Agence France Presse) e na Reuters é a tradução de uma notícia (cf. BASSNETT e BIELSA, 2009).

Bassnett e Bielsa chegam a definir as agências de notícias como:

Vastas organizações de tradução com a tecnologia e as habilidades necessárias para a produção de traduções rápidas e precisas e oferecem uma variedade de produtos linguísticos adaptados para atender às necessidades dos maiores mercados de notícias e para facilitar a circulação

global de notícias (idem, 2009: 34)<sup>23</sup>.

Tanto para Boyd-Barett quanto para Bassnett e Bielsa, as agências de notícias estiveram sempre ligadas ao processo de globalização, afinal, são um dos principais canais pelos quais as notícias são transmitidas ao redor do mundo. São, também, agências de globalização.

Sobre o fato de trabalharem com e em diversas línguas, as agências de notícias líderes (cf. BASSNETT e BIELSA, 2009) adaptaram suas políticas linguísticas de acordo com as necessidades dos seus principais mercados e, conseqüentemente, passaram a produzir em apenas algumas poucas línguas principais.

---

<sup>23</sup> No original: “News agencies are vast translating organizations with the technology and skills required for the production of fast and accurate translation and offer a variety of linguistic products tailored to meet the needs of the biggest news markets and to facilitate global news circulation”.



## 6. A OBJETIVIDADE

“A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade.” Com essa máxima, Bill Kovach e Tom Rosenstiel iniciam uma discussão sobre esse princípio tão inerente aos profissionais de imprensa. É consenso entre os jornalistas que “apurar bem os fatos” e “a verdade” é a missão primordial da profissão e que os dois estão na essência da notícia (cf. KOVACH e ROSENSTIEL, 2003: 61). Contudo, quando perguntados sobre o que seria essa “verdade”, esses mesmos jornalistas não conseguem ter uma noção clara.

Por essa razão, no jornalismo, procura-se uma “verdade funcional”, ou uma forma prática e funcional de verdade. Porém, “um jornalismo meramente construído com base na exatidão não nos levaria muito longe” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003: 69). Se é necessário relatar, além do fato, a verdade sobre aquele fato, essa verdade seria um processo, precisaria de um caminho para ser entendida.

No fundo esse processo tenta chegar à verdade num mundo atordoado, primeiro despojando a informação de qualquer resíduo de dados errados, desinformação ou informação autopromocional, deixando que a comunidade reaja e assim surja o processo seletivo das notícias. A busca da verdade se torna uma conversação. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003: 72)

Em um contexto mais atual, a nova mídia instantânea acaba por fragmentar as notícias, dar mais poder às fontes e argumentos polêmicos e baratos podem se transformar em reportagens de muita resposta. Surge um novo “jornalismo de afirmação” para desbancar o “velho jornalismo de verificação” (cf. KOVACH e ROSENSTIEL, 2003: 75).

No decorrer dos avanços nos estudos do jornalismo, no século XX, e de um olhar mais voltado para as sociedades midiaticizadas, surge a questão da distorção na informação, e os estudos sobre objetividade se deslocam para outros conceitos, como o da parcialidade. Conforme apresenta TRAQUINA (2001):

A objetividade, ou o que se aceita como o seu oposto, a parcialidade, são conceitos que a maioria dos cidadãos associa ao papel do jornalismo e que são consagrados nas leis que estabelecem as balizas do comportamento dos órgãos de comunicação social (...). Estão presentes, pelo menos de uma forma implícita se não explicitamente, nos códigos deontológicos dos jornalistas e estão no centro de toda uma mitologia (...). (TRAQUINA, 2001: 59)

As pesquisas partem do pressuposto de que as notícias são um reflexo sem distorção da realidade. Sobre se é possível reproduzir ou não a “realidade” existem respostas várias e até opostas (cf. TRAQUINA, 2001).

Gaye Tuchman vê a objetividade como influenciada por três fatores: a forma, as relações interpessoais e o conteúdo. Ela serviria também como um “ritual estratégico” que ajuda os jornalistas a se defenderem das críticas.

O repórter sabe que o seu trabalho escrito passará através de uma cadeia organizacional composta por uma hierarquia de editores e seus respectivos assistentes. Como os jornalistas esclarecem prontamente, o processamento de uma notícia envolve “conjecturas”(…). Todos criticarão a notícia após a sua publicação. (TUCHMAN, 1999: 78)

A objetividade funcionaria também como uma forma de minimizar os perigos das notícias e da pressão da profissão. Além da verificação dos fatos, Tuchman sugere quatro procedimentos estratégicos que ajudam o jornalista a alcançar a objetividade: a apresentação de possibilidades conflituais (o jornalista considera uma afirmação dada por X como um fato, mesmo ela sendo falsa; mas mesmo que ele não possa verificar a veracidade de uma afirmação, poderá achar alguém que o faça); a apresentação de provas auxiliares (obtenção de provas que corroborem uma acusação); o uso judicioso das aspas (citações funcionam como uma espécie de “prova suplementar”) e a estruturação da informação numa sequência apropriada (conceito de pirâmide invertida). Esses “procedimentos noticiosos (...) são, efetivamente, estratégias através das quais os jornalistas se protegem dos críticos e reivindicam, de forma profissional, a objetividade” (TUCHMAN, 1999: 88).

No *Manual de Redação da Folha*, encontramos a seguinte “definição” para objetividade:

Não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isso não o exime, porém, da obrigação de ser o mais objetivo possível. (*Manual de Redação da Folha de S. Paulo*, 2011: 47)

O conceito de objetividade, no jornalismo, é um conceito difícil e posto em xeque até mesmo pelos próprios jornalistas. Vemos que foram sendo criadas estratégias para lidar com a aplicação da “verdade” no jornalismo, tanto para se alcançar essa verdade, quanto para se blindar das possíveis consequências dessa verdade ou da falta dela. Principalmente, o conceito de objetividade, assim como outros conceitos que vimos anteriormente e veremos adiante – neutralidade, equivalência, verdade – são conceitos que os dois campos estudados aqui (tradução e jornalismo) tratam com muito cuidado e que são vistos como algo praticamente inatingível.

Citamos, ao longo do trabalho, dois conceitos que aparecem com bastante frequência nos estudos do jornalismo e da tradução. Para o jornalismo, a neutralidade, e para a tradução, a equivalência. Zipser (2002) estabelece um paralelo entre esses dois pontos ao dizer que a neutralidade representa para o jornalismo o que a transcodificação isenta representa para a tradução, quando não se considera a linguagem como manifestação de cultura e de um sentido.

Dessa forma, o produto final da reportagem estabelece um vínculo com os fatos, que será o resultado do gerenciamento de múltiplas variáveis, ditadas pelas esferas políticas, sociais, econômicas, pela condicionante da história, pela extensão da liberdade de imprensa, pelo teor de formação de seus agentes e, não menos importante, pelo perfil do público ao qual se destina. (ZIPSER, 2002: 03)

Sobre esse assunto podemos citar o *Manual de redação e estilo* do jornal *O Globo*:

(...) todo jornalista, de repórter ao editor, seleciona e dá pesos

diferentes aos elementos de informação que passam por suas mãos. Isso é inevitável (...). A primeira questão ética que se põe para o jornalista é aprender a não abusar desse poder (...). (O Globo: Manual de redação e estilo, *apud* POLCHLOPEK, 2009: 43)

Nesse sentido, um conceito muito importante é o da exatidão da notícia. Como aponta uma versão mais antiga do *Manual de Redação da Folha de S.Paulo*:

Exatidão: Qualidade essencial do jornalismo. A credibilidade de um jornal depende da exatidão das informações que publica e da fiel transcrição de declarações. Para escrever reportagens exatas, não menospreze os detalhes. Seja obsessivamente rigoroso. O jornal tem obrigação de publicar apenas informações corretas e completas. (Novo Manual da Redação da Folha de São Paulo, 1996)

Mesmo que conceitos como neutralidade e objetividade sejam inatingíveis, o jornalista precisa sempre ter em mente que a informação precisa ser passada da forma mais exata e clara possível. Quando traduzimos um texto, como vimos anteriormente, o que se busca não é a transcodificação isenta, ou uma equivalência absoluta do texto, e sim que as suas informações e mensagens sejam compreendidas da forma mais real possível pelo público-alvo, considerando-se as particularidades culturais e linguísticas tanto da fonte quanto do receptor.

## 7. A TRADUÇÃO NO JORNALISMO

É importante mencionar que, apesar da existência de vários artigos e estudos sobre a tradução no jornalismo pela visão dos teóricos e estudiosos da tradução, o contrário ainda não é muito comum. Na realidade, por parte dos jornalistas internacionais, há uma certa resistência em se considerarem tradutores, por mais que a tradução seja uma atividade mais corriqueiramente exercida por esses profissionais. A transposição de informações de um conjunto de signos linguísticos para um outro conjunto de signos linguísticos é uma prática diária, como vemos no depoimento do jornalista da AFP Erik Wishart, dado durante uma conferência sobre globalização, diferenças linguísticas e tradução na produção de notícias na Universidade de Warwick:

Logo você já tem duas etapas: você tem a história original em coreano publicada pela Agência de Notícias da Coréia, traduzida no escritório por um jornalista coreano que fala inglês. A história é então traduzida novamente na mesa central de edição em Hong Kong por um escritor francês, porque não havia nenhum escritor francês no escritório em Seoul (...). (*apud* BASSNETT e BIELSA, 2009: 134)<sup>24</sup>

A tradução é, muitas vezes, o ponto de partida dos jornalistas internacionais que escrevem sobre uma realidade estrangeira (cf. BASSNETT e BIELSA, 2009: 66).

Apesar disso, tanto Vuorinen (1996) quanto Bassnett e Bielsa (2009) frisam o fato de que os jornalistas, além de não se enxergarem como tradutores, também não enxergam a tradução como uma de suas atividades, sendo esta uma ação invisível, não porque sua intervenção seja escondida pelas estratégias adotadas na tradução de notícias, e sim porque ela já está integrada ao jornalismo e sujeita às normas e regras particulares desse campo. A tradução exerce um papel pivotal

---

<sup>24</sup> No original: "So you've already got two steps: you've got the original story in Korean from the Korean News Agency, translated in the bureau by a Korean journalist who speaks English. The story is then translated again in the central editing desk in Hong Kong by a French writer, because there was no French writer in the Seoul bureau (...)"

na circulação de notícias internacionais ao produzir versão locais significativamente diferentes de eventos internacionais (cf. BASSNETT e BIELSA, 2009: 72 -73).

## **7.1 A tradução nas teorias do jornalismo**

Neste capítulo vamos expor as teorias da jornalismo conforme propostas por TRAQUINA (2005), e a partir desses conceitos propor algumas aproximações entre jornalismo e tradução, enfatizando seus pontos em comum e suas áreas de intersecção.

### **7.1.1 Espelho**

A primeira teoria apresentada por Traquina é a **teoria do espelho**, considerada insuficiente por estar excessivamente ligada à noção de legitimidade do jornalismo. Ela oferece um paralelo interessante com a noção de tradução no que diz respeito aos conceitos de neutralidade, para o jornalismo, e equivalência, para a tradução. De acordo com essa teoria, o jornalista seria um *comunicador desinteressado*. Ele seria apenas um transmissor imparcial do fato noticioso, já que há nessa teoria uma fronteira indubitável entre realidade e ficção que gera sanções graves àqueles que a transpõem (cf. TRAQUINA, 2005: 147-149). Na tradução há duas teorias mais antigas – a da abordagem hermenêutica da tradução, que pretendia chegar a formas gramaticais de validade universal, e a do positivismo lógico, que tentava reger, por meio da lógica, ferramentas da tradução tais como as correspondências linguísticas (GENTZLER, 2001: 108). Ou seja, pregava-se a equivalência do texto, uma fidelidade que é impossível e até mesmo desinteressante para a tradução, pois não abarca todas as variações culturais existentes em um texto.

Vemos que essas duas visões não consideram que os profissionais dessas áreas (jornalista e tradutor) estão inseridos em um sistema cultural e fazem, a todo momento, um processo de interpretação – seja da realidade, no jornalismo, ou de códigos linguísticos, na tradução, e que não é possível resumir suas atividades em meras regras linguísticas ou numa transposição “espelhada” da realidade.

Especialmente no jornalismo internacional, esse processo é ainda mais complexo, pois há uma transposição de uma notícia inserida em um contexto cultural diferente daquele para o qual ela vai ser divulgada.

### 7.1.2 Gatekeeping

“Gatekeeper” é a “pessoa que toma uma decisão numa sequência de decisões” (TRAQUINA, 2005: 150). De acordo com essa teoria jornalística, a informação passa por diversos portões (*gates*) antes de chegar ao público. Esses *gatekeepers* estão localizados em áreas estratégicas dos canais de comunicação e são responsáveis por decidir quais informações irão chegar ao público (cf. VUORINEN, 1998: 165-166). O *gatekeeping* acontece em diversas etapas do fluxo internacional de notícias, como vimos no esquema proposto por McNelly.

Na teoria do *gatekeeper*, é o jornalista quem desempenha essa função. Logo: “o processo de seleção é subjetivo e arbitrário; as decisões do jornalista eram altamente subjetivas e dependentes de juízos de valor baseados no conjunto de experiências, atitudes e expectativas do *gatekeeper*” (TRAQUINA, 2005: 150). Correspondente a essa declaração podemos apresentar o diagrama proposto por Shoemaker (*apud* VUORINEN, 1986:168):



Figura 2 – Processos intraindividuais do *gatekeeping* (adaptado e traduzido de SHOEMAKER, *apud* VUORINEN, 1986).

Ou seja, o *gatekeeper* está sujeito a diversas variantes na hora de analisar uma informação.

De acordo com a teoria do *gatekeeping*, o texto passa por vários tipos de manipulação. Akio Fujii (1989) separa em quatro as funções de *gatekeeping* desempenhadas pelos tradutores de notícias em seu estudo sobre as traduções jornalísticas no Japão: controle, transformação, inserção e reorganização de mensagens (FUJII, 1988: 37). Para ele, porém, esse trabalho ultrapassa as barreiras da tradução, que é vista como uma atividade menor, menos prestigiosa, visão contestada por Vuorinen: (...)

Para evitar uma definição tão fechada, pode-se assumir que os tipos de operações textuais comumente relacionadas à edição e à reescrita podem estar na média mais presentes na tradução de notícias do que, digamos, na tradução de documentos legais, e têm a ver com os objetivos e as condições de produção particulares (o quadro do *gatekeeping*) característicos da tradução de notícias. A diferença, no entanto, é apenas quantitativa e não qualitativa. Consequentemente, eu proponho, contrário a Fujii, que as várias atividades de *gatekeeping*, tais como eliminação, adição, substituição, ou reorganização, sejam consideradas parte e parcelas das operações textuais normais em qualquer tradução e particularmente na tradução de notícias, com o intuito de produzir textos funcionalmente adequados para um certo uso. (VUORINEN, 1986: 170)<sup>25</sup>

Para ilustrar esse caso, a tradutora de notícias Claire Tsai (2005) diz que, em seu trabalho na Formosa Television (FTV), em Taiwan, é comum que o tradutor tenha que cortar palavras e até parágrafos das matérias e até reestruturar o fluxo de notícias, a fim de torná-las condizentes com as necessidades do público-alvo.

---

<sup>25</sup> No original: “To avoid such a narrow definition, it may be assumed that the kind of textual operations commonly connected with editing or rewriting may be on average more pronounced in news translation than, say, in the translation of legal documents, has to do with the particular production conditions and goals (the gatekeeping framework) characteristic of a news translation. The difference is, however, only a quantitative, not a qualitative one. Accordingly, I propose, contrary to Fujii, that various gatekeeping operations, such as deletion, addition, substitution, or reorganization, be considered part and parcel of the normal textual operations performed in any translation, and particularly in news translation, in order to produce functionally adequate target texts for a given use”.



O tradutor (ou o jornalista) muitas vezes trabalha com diversas fontes de notícias para produzir uma única peça. Sendo assim, é natural que ele tenha que editar aquelas informações, escolhendo o que é pertinente para a transmissão do fato. Esse é um trabalho de seleção ou *gatekeeping* que o jornalista também faz, seja na mesma situação (história muito densa e diversas fontes) ou na escolha das pautas de acordo com os seus valores-notícia.

A tradução, como mais uma etapa no processo de *gatekeeping*, que já ocorre em diversas etapas do fluxo internacional de notícias (como vimos em McNelly), e como uma área passível a escândalos (cf. VENUTTI, 1999), apresenta mais uma possibilidade de ruído na transmissão de uma notícia.

### **7.1.3 Organizacional**

A teoria organizacional enxerga o jornalista, antes de um profissional, como integrante de uma cultura organizacional: o seu ambiente de trabalho. Ou seja, antes de suas crenças pessoais, são as crenças da empresa (ou políticas editoriais) que vêm primeiro. O jornalista é “socializado” e integrado na organização onde trabalha, tornando-se parte ativa desta, tendo muitas vezes seus pontos de vista controlados pela direção (BREED *apud* TRAQUINA 2005: 153). Como vimos acima, em uma redação de agência de notícias ou em editorias internacionais, o tradutor (ou o jornalista-tradutor) é um dos integrantes dessa organização e, portanto, está sujeito aos mesmos fatores que, conforme Traquina, “promovem o conformismo com a política editorial da organização” (TRAQUINA, 2005: 153), como a autoridade, a possibilidade de reprimendas e o valor das notícias. A teoria organizacional também pressupõe o fator econômico como uma das principais influências no trabalho jornalístico, como quando falamos dos correspondentes internacionais, figuras altamente custosas para uma redação.

Assim sendo, a editoria internacional de um jornal nacional, dependentemente de seus recursos econômicos, pode trabalhar com correspondentes internacionais produzindo notícias diretamente em sua língua oficial ou com jornalistas que traduzem notícias publicadas por outras

organizações (como, por exemplo, as agências de notícias) para divulgá-las em seus próprios canais. A contratação de profissionais mais especializados, como tradutores, também é um fator que causa custos a mais para uma agência de notícias. A Reuters, por exemplo, contava em 2009 na sua mesa regional, coordenadora da América Latina, em Montevideú, com sete profissionais fixos - um editor regional, dois editores-tradutores do Espanhol para o Inglês, dois editores-tradutores do Inglês para o Espanhol, e quatro editores de língua espanhola. (BASSNETT e BIELSA, 2009: 79)

Como vimos anteriormente, as agências de notícias detêm uma impressionante infraestrutura para a apuração e produção de notícias. Além de possuírem escritórios espalhados pelo mundo inteiro – a AFP, por exemplo, possui cerca de 200 escritórios espalhados em 150 países e conta com mais de 2,2 mil profissionais<sup>26</sup> – elas dominam muito bem a tecnologia e desde sempre se acostumaram a produzir materiais multimídia. Sem contar que, por serem empresas privadas, podem contar com investimentos de particulares. A revista *The Economist*, em sua edição de 14 de fevereiro de 2009<sup>27</sup>, ao falar sobre a crise que afeta os jornais impressos, ressalta que provavelmente as agências se sairão melhor nessa crise. O que acontece é que as agências, com medo da interrupção da produção de jornalismo impresso, estão começando a oferecer produtos diretamente para o consumidor. O aplicativo para o iPhone da Bloomberg, por exemplo, já foi baixado mais de um milhão de vezes. Ainda não se tem noção de que as mudanças econômicas e as crises pelas quais a imprensa tradicional, do papel, vão significar para o jornalismo internacional e para o fluxo internacional de notícias – tudo são ainda suposições e projeções. Mas é certo que mudanças na dinâmica da área já estão sendo vistas e começando a ser estudadas.

#### **7.1.4 Ação política**

A teoria da ação política vê os meios jornalísticos de forma instrumentalista, servindo objetivamente a certos interesses políticos. Ela surgiu na década de

---

<sup>26</sup> Disponível em: <http://www.afp.com/en/agency/afp-in-world/>

<sup>27</sup> Disponível em: <http://www.economist.com/node/13109820>

1970, numa época em que se discutia os conceitos de neutralidade e parcialidade e quando estudos que provavam a existência de “distorções” nas notícias, para fins políticos (cf. TRAQUINA, 2005: 161-163). Nela, leva-se em consideração “as implicações políticas e sociais da atividade jornalística, o papel social das notícias, e a capacidade do Quarto Poder em corresponder às enormes expectativas em si depositadas pela própria teoria democrática” (TRAQUINA, 2005: 161).

Quando falamos de jornalismo internacional, falamos também em política externa, somada aos interesses políticos que permeiam o jornalismo e as empresas econômicas ou governos ligados a ele. Sobre a tradução no discurso político, Christina Schaffner atenta para o fato de que através da tradução a informação se torna disponível entre fronteiras linguísticas e que, frequentemente, “as reações em um país a respeito de declarações feitas em outro ‘são na realidade reações à informação tal qual foi fornecida pela tradução” (SCHAFFNER *apud* BASSNETT e BIELSA, 2009: 18).

A partir do papel do Brasil, inserido em uma nova ordem mundial onde ele se torna cada vez mais um *player*<sup>28</sup> internacional, podemos analisar as ações políticas ocorridas dentro e entre os meios de comunicação e sua influência nas relações de poder entre países, por meio de artifícios como a manipulação. A busca por iniciativas como a Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação surge da constatação de um “desequilíbrio informativo entre nações desenvolvidas e nações em desenvolvimento (...). Constatou-se, então, a existência de uma complexa teia de problemas cuja superação seria essencial (...)” (ALMEIDA, 1980: 10).

Podemos dizer, com base em vários estudos sobre a área, e especialmente naqueles feitos sobre o chamado “The CNN Effect” (ROBINSON, 1999; GILBOA, 2005), que a mídia afeta as políticas externas e as relações entre países,

---

<sup>28</sup> O próprio termo *player*, do inglês, amplamente utilizado pelo jornalismo internacional e pela diplomacia brasileira, oferece uma discussão interessante sobre a intraduzibilidade de certas palavras – a palavra correspondente no português, *jogador*, não abarca todas as particularidades que a palavra em inglês traz em si; em inglês, um *player* é “alguém que está muito envolvido em uma atividade ou organização” (<http://dictionary.cambridge.org>) enquanto que em português a palavra *jogador* é empregada principalmente para se referir ao campo esportivo e em nenhum dos dicionários consultados (Houaiss e Aurélio) tinha essa mesma conotação.

chegando mesmo a ditar intervenções. Há, por um outro lado, aqueles que dizem que os governos e as políticas governamentais afetam os meios de comunicação. “Aqueles que falam da manufatura do consenso discutem que as elites políticas impelem os produtores de notícias a ‘ler’ os eventos globais de uma maneira particular” (ROBINSON, 1999: 303).<sup>29</sup> Ou seja, a influência é exercida em ambos os sentidos – da mídia para o governo e do governo para a mídia, o que resulta em relações sutis e intrínsecas de poder entre os países e os meios de comunicação.

Nas duas visões, o jornalismo internacional exerce um papel fundamental nas relações políticas entre países, e, conseqüentemente, também influenciam todos os seus atores – jornalistas, editores, tradutores, correspondentes, agências de notícias, entre outros.

### **7.1.5 Construcionista**

A teoria construcionista rejeita a (já ultrapassada) teoria do espelho. Entre as razões, está a impossibilidade defendida pelos teóricos de distinguir radicalmente a realidade dos meios noticiosos, já que “as notícias ajudam a construir a própria realidade” (TRAQUINA, 2005: 168). Em seguida, a própria linguagem não funcionaria como transmissora direta de significado, pois uma linguagem neutra é impossível. Por último, “os media noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos, devido a diversos fatores” (idem: 169). A tradução, no jornalismo internacional, é mais um exemplo de como a linguagem representa um outro empecilho na representação dessa “realidade”. Nessa visão, o termo “distorção” não compreende a significação de algo ruim, algo como uma má formação da informação, pois a distorção seria algo já esperado.

Notícias, com essa teoria, se tornam narrativas. Porém, isso não as nega como representação de uma realidade exterior. Gaye Tuchman fala sobre o assunto quando diz que:

---

<sup>29</sup> No original: “Those who talk of the manufacture of consent argue that political elites impel news makers to ‘read’ global events in a particular way.”

Dizer que uma notícia é uma estória não é de modo algum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna. (TUCHMAN *apud* TRAQUINA, 2005: 169)

A palavra construcionismo se refere ao processo de construção da notícia como uma história. Assim, dá-se especial relevância à dimensão cultural das notícias. Sobre esse *mapa de significados*, escreve Stuart Hall:

Este trazer de acontecimentos ao campo dos significados quer dizer, na essência, reportar acontecimentos invulgares e inesperados para os ‘mapas de significados’ que já constituem a base do nosso conhecimento cultural, no qual o mundo social já está ‘traçado’. A identificação social, classificação e contextualização de acontecimentos noticiosos em termos destes quadros de referências de fundo constitui o processo fundamental através do qual os media tornam o mundo a que fazem referência inteligível a leitores e espectadores (HALL *apud* TRAQUINA, 2005: 171).

Essa ideia, quando aplicada ao jornalismo internacional e à tradução, implica também uma certa conotação de diplomacia. O jornalista internacional é um construtor da imagem daquele país para outro – ao contar histórias de outros países, histórias sobre os *outros*, ele está aproximando uma cultura da outra, inserindo novos paradigmas e conceitos. E quando falamos de tradução, como vimos nos primeiros capítulos, o tradutor trabalhou sempre como essa figura intermediária entre duas culturas, como aquele que torna disponível um conhecimento e que funciona como uma espécie de “canal”. A tradução seria a ferramenta pela qual ocorre essa disponibilização. Ela é também uma das ferramentas que os jornalistas usam para tornar disponível uma informação adquirida em uma língua para os falantes de outra.

Há uma vertente nos estudos da tradução no jornalismo chamada de tradução cultural. A tradução seria uma representação cultural do fato noticioso, como proposto por Zipser e Polchlopek (2009). Zipser (2002), em sua tese de doutorado, comparou o enfoque dado a notícias internacionais em duas revistas,

uma brasileira (*Veja*) e outra alemã (*Der Spiegel*) e constatou que as diferenças e as marcas culturais fazem com que o jornalista procure aproximar o acontecimento do seu leitor. Zipser e Polchlopek ressaltam:

Ambos os processos, tradutório e jornalístico, sofrem a influência de variáveis externas e internas na sua produção textual, gerando diferentes perspectivas de abordagem para um mesmo evento noticioso, sempre em relação de dependência com o contexto cultural de origem deste fato e aquele para o qual é relatado (ZIPSER e POLCHLOPEK, 2009: 200)

### **7.1.6 Estruturalista**

Pela teoria estruturalista, o jornalista está sujeito a três processos que vão influenciar o produto social final, a notícia: a organização burocrática dos media, a estrutura dos valores-notícia e a construção da notícia, que é um processo de identificação e contextualização que se utiliza de “mapas culturais” (TRAQUINA, 2009: 176). Como dizem Hall e outros autores no artigo “The Social Production of Nees: Mugging in the Media”: “os media definem para a maioria da população quais os acontecimentos significativos que ocorrem mas, também, oferecem poderosas interpretações de como compreender esses acontecimentos” (HALL *apud* TRAQUINA, 2009: 177). Quanto a esse assunto voltamos para Zipser e Polchlopek, que ressaltam:

O jornalismo funciona, desse modo, como um mapa cultural da sociedade: denota a tentativa (consciente ou não) por parte do jornalista-tradutor de aproximar o fato noticioso do leitor que está cultural ou geograficamente distante dele; pauta o que público fala, discute e comenta; informa e forma opiniões e confirma, assim, o seu papel de organizador e tradutor de perfis sociais. (ZIPSER e POLCHLOPEK, 2009: 197)

Nessa teoria, as pressões diárias e as exigências profissionais (como a imparcialidade e a objetividade) fazem com que a relação entre os jornalistas e aqueles que “detêm posições institucionalizadas privilegiadas” (TRAQUINA, 2009: 178) se deem de forma estruturada. Os porta-vozes se tornariam “definidores primários”, que emitiram a interpretação primária do acontecimento, o que controlaria todo o resto da ação. Os jornalistas apenas reproduziriam uma “ideologia dominante” fornecida pelos definidores primários, estabelecendo os limites para as discussões subsequentes sobre o acontecimento. Essa ideia, porém, é altamente criticada por não considerar iniciativas como a reportagem, o jornalismo investigativo, ou os furos. (cf. TRAQUINA, 2009: 180).

Guy de Almeida (1980) diz que, na busca pela solução de problemas de inequidade entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos em uma nova ordem mundial, do qual o jornalista internacional é um dos grandes envolvidos, um dos aspectos emergentes do debate e que interessaria diretamente aos jornalistas seria, entre a preocupação com as novas tecnologias, com o estabelecimento de políticas nacionais de comunicação, etc, uma preocupação também com a multiplicação das profissões requeridas no mercado, que modificam as estruturas internas de trabalho.

### **7.1.7 Interacionista**

Para essa teoria, um dos fatores que mais influenciam o trabalho de um jornalista é o tempo. Por isso, as empresas jornalísticas precisam criar estratégias para otimizar seu trabalho, entendendo que a notícia pode surgir em qualquer lugar e a qualquer hora. Essa instabilidade da matéria-prima do jornalismo criaria uma necessidade de impor ordem ao tempo e ao espaço. Sendo assim, as empresas jornalísticas teriam que se organizar para poder prever, de certa forma, *onde* e *quando* alguns fatos ocorrem. A teoria estruturalista se utiliza de um termo interessante para esta discussão – a percepção da notícia, que inclui o *newsworthiness*. Na construção de uma matéria, o jornalista teria a legitimidade e autoridade para decidir a noticiabilidade dos acontecimentos, enquanto a empresa

jornalística tentaria planejar o futuro através de sua agenda (cf. TRAQUINA, 2009: 181-184).

Assim, perante essa organização do trabalho jornalístico, teríamos três tipos de pessoas: a) os promotores de notícias – identificam a ocorrência; b) os *news assemblers* – transformam as ocorrências em acontecimentos públicos por meio da mídia; e c) os consumidores de notícias, que assistem às ocorrências disponibilizadas pela mídia. (cf. TRAQUINA, 2009: 185). A partir dessa ideia, como o promotor da ocorrência seria também um ator, há um jogo de interesses em tornar certas ocorrências públicas ou não.

Quando falamos da necessidade de se impor ordem ao tempo, no jornalismo, falamos de uma dificuldade cada vez mais real à medida que os acontecimentos são difundidos quase que instantaneamente. No jornalismo internacional que, como vimos anteriormente, possui uma cadeia de intermediários bastante extensa e cujo material de trabalho (o acontecimento internacional) é de bastante abrangência, podemos ver a necessidade de uma organização minuciosa das empresas jornalísticas. Uma das estratégias adotadas pelas redações ao redor do mundo são os manuais de redação. Além de especificar particularidades dos estilos e termos que serão empregados nos textos, os manuais de redação também delimitam papéis específicos para os funcionários de uma redação. No caso da Reuters, por exemplo, os editores (ou *deskings*, como são chamados) se encarregam de adaptar e corrigir os textos dos repórteres. Eles são os “guardiões do estilo”. Já existe atualmente uma tentativa de estabelecer algumas estratégias para padronizar e diminuir o trabalho necessário quando se lida com traduções, como o “The News Manual”<sup>30</sup>, organizado por Peter Henshall e David Ingram com a ajuda da Unesco. Nele, vemos um capítulo inteiro dedicado a texto e estilo quando se trabalha com traduções, com um passo-a-passo de como ler e traduzir notícias.

---

<sup>30</sup> Disponível em: <http://www.thenewsmanual.net/>.



## 8. CASOS ILUSTRATIVOS

Com base nos conceitos e nas teorias que foram apresentadas sobre os estudos da tradução, sobre as relações de poder que são estabelecidas com traduções e as problematizações da intersecção entre os estudos da tradução e do jornalismo, aprofundaremos nas delimitações desse encontro a partir de alguns exemplos: o do mal-entendido causado por uma tradução que gerou confusões diplomáticas entre o Brasil e a Fifa, e de outros casos menos expressivos mas que também ajudam a ilustrar o tema.

### 8.1 O pé de Valcke

Em uma entrevista em Londres no dia 2 de março de 2012, o secretário geral da Fifa, Jérôme Valcke, ao discorrer sobre o atraso do Brasil em relação às obras de infraestrutura para a Copa do Mundo de 2014, disse que o país precisava de um “pontapé no traseiro” para acelerar o ritmo. A declaração, considerada ofensiva pelo poder brasileiro, em especial pelo ministro do Esporte, Aldo Rebelo, foi recebida com muita hostilidade no Brasil e causou um problema diplomático que levou Rebelo a escrever uma carta oficial para a Fifa negando-se a receber Valcke como interlocutor da entidade no país. O secretário, então, desculpou-se em comunicado oficial dizendo que a expressão que ele havia utilizado (“*coup de pied aux fesses*”) tinha uma conotação diferente na língua francesa.

De acordo com o site de notícias GLOBOESPORTE.COM<sup>31</sup>, a entrevista foi dada em inglês e a expressão utilizada foi “*kick up in the arse*”.

Notamos, então, que, até chegar ao Brasil, a notícia passou por três etapas de tradução: Jerome Valcke, cuja língua materna é o francês, fez a declaração em inglês, assim reproduzida pelos jornais ingleses na Europa; depois, os jornais locais no Brasil traduziram a declaração para o português e foi essa a notícia que chegou aos leitores brasileiros.

---

<sup>31</sup> “Jornalistas Internacionais contestam justificativa de Jerome Valcke.” Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2012/03/jornalistas-internacionais-contestam-justificativa-de-jerome-valcke.html>

Aqui, a questão não é a possível falta de tato do secretário geral da Fifa que, como afirma um artigo publicado no *Le Monde*, não deveria ter usado uma expressão coloquial dada a sua posição diplomática (representante da FIFA) e a situação na qual ele estava inserido (encontro da Mesa da Associação Internacional de Futebol – *International Football Association Board*). Vamos focar na tradução dessa declaração polêmica e na forma como ela foi recebida pelas autoridades e pelo povo brasileiro.

Jerôme Valcke fez a declaração ao jornalista Rob Harris, da Associated Press. Segundo Harris, ela deveria ser entendida como uma “mensagem ao Brasil”<sup>32</sup>. Conforme o jornalista publicou em sua página oficial no Twitter e na matéria do *The New York Times*, o que foi dito por Valcke foi: “*You have to push yourself, kick up in the arse*”. Logo que a notícia chegou ao Brasil, principalmente por meio da internet em portais como UOL,<sup>33</sup> LANCENET,<sup>34</sup> GLOBOESPORTE.COM,<sup>35</sup> foi recebida com hostilidade pelo governo brasileiro. (Note-se que na primeira matéria publicada no portal do GLOBOESPORTE.COM, feita com informações da Reuters, a declaração não era citada). Em seguida, o ministro Aldo Rebelo declarou que o governo se recusaria a receber novamente o secretário-geral como interlocutor da FIFA no Brasil, já que as suas declarações foram consideradas uma “ofensa” e “inaceitáveis”.<sup>36</sup> O pedido de mudança de interlocutor chegou a ser oficializado<sup>37</sup> ao presidente da Federação, Joseph

---

<sup>32</sup>“FIFA complains about Brazil's 2014 WCup delays”. Disponível em: <http://nytimes.stats.com/fmf/story.asp?i=20120302174049540000101&ref=hea&tm=&src=LASOC>. Acessado em maio de 2013.

<sup>33</sup> “Brasil precisa de pontapé na bunda”, diz secretário da Fifa”. Disponível em: <http://mais.uol.com.br/view/65k9fo807g7i/brasil-precisa-de-pontape-na-bunda-diz-secretario-da-fifa-0402CD193860D8A92326?types=A&>. Acessado em maio de 2013.

<sup>34</sup> “Valcke: ‘Brasil merece um chute no traseiro’”. Disponível em: [http://www.lancenet.com.br/copa-do-mundo/Valcke-Prioridade-Brasil-Copa-organiza-la\\_0\\_656334478.html](http://www.lancenet.com.br/copa-do-mundo/Valcke-Prioridade-Brasil-Copa-organiza-la_0_656334478.html). Acessado em maio de 2013.

<sup>35</sup> “Valcke perde a paciência e critica: ‘Brasil não está funcionando’”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2012/03/valcke-perde-paciencia-e-critica-brasil-nao-esta-funcionando.html/>. Acessado em maio de 2013.

<sup>36</sup> “Governo não quer mais Valcke como interlocutor”. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/03/governo-nao-quer-mais-valcke-como-interlocutor-3.html>. Acessado em maio de 2013.

<sup>37</sup> “Governo oficializa pedido de mudança de interlocutor da Fifa para a Copa”. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/03/governo-oficializa-pedido-de-mudanca-de-interlocutor-da-fifa-para-copa.html>. Acessado em maio de 2013.

Blatter. Na carta, Rebelo diz:

Recebemos com espanto as inapropriadas declarações do Senhor Jérôme Valcke nos últimos dias à imprensa internacional. A forma e o conteúdo das declarações escapam dos padrões aceitáveis de convivência harmônica entre um país soberano como o Brasil e uma organização internacional centenária como a FIFA.<sup>38</sup>

A reação de Rebelo, que já havia sido considerada infantil<sup>39</sup> por Valcke, chegou a um ponto extremo que colocava em risco as relações diplomáticas entre a organização e o Brasil. Valcke, então, enviou ao governo brasileiro no dia 5 de março de 2012 um pedido de desculpas oficial,<sup>40</sup> alegando um problema de tradução da expressão em francês “*se donner un coup de pied aux fesses*”, que significaria apenas “acelerar o ritmo”.<sup>41</sup>

A situação, que envolve a tradução de uma expressão idiomática em três línguas diferentes é notadamente complicada. Primeiro, como os jornalistas que estavam na reunião quando a declaração foi feita reiteram, a frase foi dita em inglês. A expressão inglesa “kick up in the arse” (ou backside, como foi colocada em algumas matérias) significa, de acordo com o *Cambridge Dictionary Online*, “se você dá um *kick up in the arse* em alguém, você faz ou diz algo para tentar fazê-lo parar de ser preguiçoso”.<sup>42</sup>

Em francês, a expressão “*se donner un coup de pied aux fesses*” tem uma conotação parecida com a inglesa, apesar de algumas nuances. A frase é pronominal (se) e sugere uma ação realizada pelo próprio sujeito. De acordo com o professor de redação em francês Richard Vachon, da Université Laval, em

---

<sup>38</sup> VER ANEXO 4.

<sup>39</sup> “Valcke classifica como infantil reação de Aldo Rebelo”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2012/03/valcke-classifica-como-infantil-reacao-de-aldo-rebelo.html>. Acessado em maio de 2013.

<sup>40</sup> “Jérôme Valcke pede desculpas à Aldo Rebelo pelas críticas ácidas à organização da Copa de 2014. Disponível em: “<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2012/03/jerome-valcke-pede-desculpas-aldo-rebelo-pelas-criticas-acidas-organizacao-da-copa-de-2014.html>. Acessado em maio de 2013.

<sup>41</sup> VER ANEXO 3.

<sup>42</sup> No original: “If you give someone a kick up the arse, you do or say something to try to stop them being lazy” – Fonte: <http://dictionary.cambridge.org/dictionary/british/a-kick-up-the-arse-backside>

Québec, no Canadá, essa expressão francesa quer dizer “bater/acertar os empregados para acelerar o ritmo de produção, para os motivar a trabalhar mais ou mais rápido”<sup>43</sup> Pelo dicionário *Robert*, é uma locução familiar que figurativamente quer dizer “com energia, para expulsar etc.”<sup>44</sup>. Ainda segundo o professor Vachon, a expressão tem um caráter melhorativo. Benoit Tardif<sup>45</sup>, também professor de francês da Université Laval em Québec, diz que a expressão pode sim significar acelerar o ritmo, mas que ela é normalmente utilizada em casos onde os envolvidos não fazem bem o seu trabalho. Ambos concordam que a expressão representa um gesto violento, que para Tardif não foi a melhor escolha para um ambiente diplomático, mas que Vachon enxerga como uma forma de se aproximar à população.

A expressão foi traduzida de duas formas diferentes, majoritariamente: pé na bunda e pontapé no traseiro (outras variações encontradas foram chute no traseiro, chute na bunda e pontapé na bunda). No *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, “dar o pontapé em” é uma expressão do brasileiro popular e quer dizer “dar o fora em alguém; romper relacionamento”. No *Houaiss*, a expressão “meter o pé em alguém” ou “dar um pontapé” está classificada como “rompimento com ou por parte de alguém”. Pelo *Dicionário Informal*,<sup>46</sup> que é um dicionário online construído pelos próprios internautas, as definições para a expressão *pé na bunda* são “ser demitido de um emprego, levar um fora de alguém, ser rejeitado, ser tirado de jogada”.

Pelo caso, conseguimos enxergar como a língua e principalmente expressões familiares e culturais dão um sentido específico a uma declaração e como ela pode causar um ruído na comunicação entre dois países. Uma expressão traduzida descontextualizada de sua cultura e, nesse caso específico, de seu interlocutor (um francês nativo que fazia uma declaração em inglês), pode

---

<sup>43</sup> No original: “Frappier les employés pour accélérer le rythme de production, pour les motiver à travailler davantage ou plus vite” O professor Vachon foi entrevistado por email no dia 25 de maio de 2013.

<sup>44</sup> No original: “Avec énergie, pour expulser, etc.”

<sup>45</sup> O professor Tardif foi entrevistado por email no dia 23 de maio de 2013.

<sup>46</sup> Definição do termo pé na bunda no Dicionário Informal. Disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/pénabunda/>. Acessado em maio/2013.

causar confusões e até mesmo problemas diplomáticos. Um fato está dotado de seus valores-notícia e seus critérios de noticiabilidade que, como vimos antes, tem suas particularidades quando falamos de jornalismo internacional. O fato de ter se tratado de um assunto dotado de valor-notícia para a cultura brasileira – a Copa do Mundo de 2014 (futebol, obras, FIFA) – e de ter sido uma notícia carregada *negativamente* (GATUNG e RUGE, 1999) influenciou o tratamento dado pela mídia, que parecia mais interessada em chocar o leitor do que necessariamente fazer uma transmissão fiel do fato.

## 8.2 E outros desentendimentos

Em novembro de 2007, durante a Cúpula Ibero-americana em Santiago, no Chile, houve um desentendimento entre o então presidente venezuelano Hugo Chávez e o rei da Espanha, Juan Carlos, quando o primeiro falava sem parar não permitindo que o outro tomasse a palavra. O rei da Espanha, irritado, se levantou da sua cadeira e, estendendo a mão aberta na direção de Chávez, disse: *“Por qué no te callas?”*. No dia seguinte, o evento figurava na mídia francesa como uma crise internacional. O jornal *Le Nouvel Observateur* descreveu o acontecido da seguinte maneira: *“ ‘porquoi ne la bouclez-vous pas?’ a lancé Juan Carlos en montrant du doigt Chavez qui tentait d’interrompre le chef du gouvernement espagnol José Zapatero”* (“por que você não cala sua boca”? lançou Juan Carlos mostrando o dedo a Chavez que tentava interromper o chefe do governo espanhol José Zapatero”)

Primeiramente, o gesto da mão aberta, na cultura espanhola, funciona mais como um convite do que como uma acusação. Ele foi traduzido, no francês, pela expressão *en montrant du doigt*, que em português seria, literalmente, *mostrando o dedo* e que poderíamos traduzir como *apontando para*. Segundo, o verbo escolhido em francês foi *“la boucler”*, que não é o correto para traduzir o verbo *“callarse”*, do espanhol, que seria mais bem representado pelo verbo *“se taire”* (cf. LAVAULT-OLLÉON e SAURON, 2009: 04). Lavault-Olléon e Sauron ainda

suscitam a questão:

Será necessário enxergar nessa escolha uma preocupação com a dramatização, ver a simplificação dos fatos, para suscitar o interesse do leitor, ou uma falta de conhecimento das nuances linguísticas e mesmo do contexto global?<sup>47</sup> (LAVAUULT-OLLÉON e SAURON, 2009: 05)

Outro exemplo que segue o mesmo contexto ocorreu com o título de um vídeo publicado em 15 de novembro de 2007 no site do jornal *Libération*, durante a campanha eleitoral americana. O título era “*Quand John McCain rit de la pute Clinton*” (“quando John McCain riu da puta Clinton”). A expressão foi resgatada de uma pergunta feita por um militante ao senador republicano: “*How do we beat the bitch?*”. Tanto contextualmente quanto semanticamente, a tradução não é oportuna, pois essa nunca foi a imagem de Hillary Clinton. Tal foi a repercussão da frase que os próprios internautas sugeriram, nos comentários do vídeo, outras traduções mais adequadas, como a palavra  *salope* ou *garce*<sup>48</sup>. O título chegou a ser modificado posteriormente pelo jornal, pois o anterior poderia levar inclusive a uma rejeição do candidato McCain por parte dos leitores (cf. LAVAUULT-OLLÉON e SAURON, 2009: 05).

Um acontecimento envolvendo o jornal francês *La Tribune* também nos ajuda a entender melhor a importância de uma boa tradução. Em 2009, o jornal começou a usar um software que fazia traduções automáticas como uma forma de aumentar a audiência internacional de seu website. O resultado foi um festival de títulos bizarros e sem sentido das matérias que eram traduzidas do francês. “*Ryanair loan to make travel of the passengers upright*” (Algo como “Empréstimo da Ryanair

---

<sup>47</sup>No original: “Faut-il voir dans ce choix un souci de dramatisation, voire des simplifications des faits, pour susciter l’intérêt du lecteur, ou une méconnaissance des nuances linguistiques et même du contexte global?”

<sup>48</sup> Ambas as palavras podem ser traduzidas no português por *puta*, mas algumas outras possibilidades são *cadela* e *vadia*.

para fazer viagem dos passageiros na vertical”)<sup>49</sup>, título de uma matéria sobre os planos de baixar custos da companhia em fazer seus passageiros voarem em pé, foi um dos exemplos. Outro exemplo: o título em inglês de uma matéria sobre consumidores americanos era *"The United States: confidence of the consumers in Bern, reduced trade deficit"*<sup>50</sup> (“Os Estados Unidos: confiança dos consumidores em Berna, déficit de troca reduzido”). Berna é uma cidade suíça, não ligada diretamente ao mercado consumidor americano, o que imediatamente causa estranheza no leitor. O título original da matéria em francês utilizava a expressão *“en berne”*, que se traduz literalmente em português por *a meio pau* e em inglês por *“at half-mast”*. Outros títulos incluíam os misteriosos *"The Chinese car in ambush"* (“O carro chinês na emboscada”), *"Internet Explorer: mistrust!"* (“Internet Explorer: desconfiança!”) e *"Assets of the continental right in management of the crisis"* (“Espólios do direito continental na gestão da crise”).

### 8.3 Definindo papéis

Com base nas teorias e nos conceitos apresentados, iremos propor algumas definições para os papéis do jornalista e do tradutor no fluxo de notícias internacional.

Para essa análise, é importante notarmos que os meios noticiosos estão longe de serem agentes passivos no fluxo de informações, muito menos indefesos no que diz respeito ao controle corporativo:

Através de seus repórteres, correspondentes, ou jornalistas, os meios noticiosos frequentemente são os primeiros a testemunhar ou descrever eventos de última hora, novos desenvolvimentos, ou situações locais. É primariamente a sua definição da situação que contribui para a produção da

---

<sup>49</sup> O exemplo foi dado em uma matéria da AFP, escrita por Rory Mullholland, em julho de 2009. Disponível em: <http://www.google.com/hostednews/afp/article/ALeqM5iwxC1-zObGGmevHxhtGcwlqm10Gw>

<sup>50</sup> Este exemplo se encontra em um artigo da World Association of Newspapers and News Publishers. Disponível em: <http://www.editorsweblog.org/2009/07/10/france-automatic-translation-of-la-tribune-site-garbles-the-news>

opinião pública, até mesmo das opiniões de elites políticas. A princípio, eles são capazes de revelar consequências prejudiciais internacionais ou locais de políticas externas ou atividades corporativas.<sup>51</sup> (VAN DJIK, 1996: 28)

O tradutor que não está inserido nas redações jornalísticas não se situa completamente entre as relações de força e concorrência do campo e pode resguardar uma certa autonomia quanto aos eventos, podendo inclusive ter uma abordagem mais neutra sobre estes. Essa abordagem respeitaria mais a globalidade da mensagem (cf. LAVAUT-OLLÉON e SAURON, 2009). De outro lado, podemos dizer que o tradutor não inserido no contexto jornalístico não conheceria as particularidades da linguagem, podendo ter dificuldades para traduzir o texto. O principal objetivo da tradução de notícias é a transmissão rápida de informação de forma efetiva aos leitores, afinal os “fatores jornalísticos relacionados ao tempo, espaço e gênero são tão importantes quanto os fatores linguísticos e culturais envolvidos no processo de transferência entre duas línguas” (BASSNETT e BIELSA, 2009: 63).<sup>52</sup> A falta de tempo, característica da rotina de produção jornalística, também reflete na tradução das notícias e declarações, talvez impossibilitando uma tradução mais embasada e pesquisada culturalmente.

### **8.3.1 O jornalista-tradutor**

Como pudemos ver anteriormente, muitas vezes os papéis de tradutor e jornalista são realizados pelo mesmo profissional, ou então essas duas tarefas – a de traduzir e a de apurar – se confundem diante da realidade diária da mídia internacional. Agravantes como a velocidade da informação, a quantidade desta, limitações econômicas, e até a disponibilidade de profissionais acabam fazendo

---

<sup>51</sup> No original: “through their reporters, correspondents, or stringers, the news media often are the first to witness or describe breaking events, new developments, or local situations. It is primarily their definition of the situation that contributes to the manufacturing of public opinion, if not to the opinions of the political elites. They are in principle able to reveal harmful international or local consequences of foreign policies or corporate activities.”

<sup>52</sup> No original: “Journalistic factors related to time, space and genre are as important as the linguistic and cultural aspects involved in the process of interlingual transfer.”



com que o tradutor vire jornalista e, mais comumente, o contrário.

Os jornalistas tendem a se sentir surpresos quando são perguntados sobre o seu papel na tradução de textos, pois eles sentem que esse processo não é muito diferente da edição de um texto. E os tradutores, diferentemente de quando trabalham com um texto literário, não precisam se preocupar com a fidelidade e o respeito ao texto original ao trabalhar com um pedaço de texto muitas vezes sem assinatura e cujo principal objetivo é informar (cf. BASSNETT e BIELSA, 2009: 66).

Para Zipser, pode-se dizer que “a questão da tradução no jornalismo fica colocada em termos culturais e não meramente como uma transcodificação linguística” (ZIPSER, 2002: 32). Assim sendo e conforme proposto por Polchlopek (2005), podemos aproximar o trabalho do tradutor e do jornalista internacional a partir das seguintes instâncias: nos dois casos, quem está no centro do trabalho realizado por esses profissionais é o leitor; a interculturalidade; a consciência cultural que delimita as diferenças entre o um e o Outro; ambos são intermediadores culturais e ambos estão sujeitos ao cultural: “A atividade tradutória não se satisfaz quando desvinculada de condicionantes culturais, bem como a prática jornalística não ‘traduz’ fatos sem referência à cultura local” (POLCHLOPEK, 2005: 41).

Durante a tradução de uma notícia, há um padrão de intervenções que são comumente exigidas do profissional que a faz (cf. BASSNETT e BIELSA, 2009: 64):

- Mudança no título e no lead, que são adaptados às necessidades específicas do público-alvo;
- Eliminação de informação desnecessária, redundante, demasiadamente detalhada para um público que esteja muito distante cultural ou geograficamente daquela realidade;
- Agregação de informações de base para o entendimento do evento pelo público-alvo;
- Mudança na ordem dos parágrafos, que precisam ser adequados de acordo com a sua relevância naquele novo contexto; e

- Resumo das informações, tanto para que o texto caiba no espaço destinado a ele quanto para o descarte de informações irrelevantes.

O resultado dessas alterações é, muitas vezes, um texto completamente novo. E é nessa mudança de ângulo que está o sucesso de um texto jornalístico bem traduzido: quando ele é capaz de comunicar efetivamente através das barreiras linguísticas, culturais e geográficas, informando bem aos novos leitores precisamente sobre aqueles aspectos dos quais eles precisam ser informados.

### **8.3.2 O intérprete**

Outro intermediário e muito pouco citado no jornalismo e pelos jornalistas, mesmo pelos correspondentes internacionais, é o intérprete. Principalmente em situações onde há uma diversidade étnica e cultural muito grande, a figura do interprete é de importância, como por exemplo em situações de guerra. Uma boa imagem da Torre de Babel que se cria em situações de conflito onde há muitas pessoas envolvidas, sejam elas jornalistas, civis, militares ou políticos, é criada a partir da experiência do jornalista Edward Behr. Ao descrever sua cobertura da independência do Congo, Behr relata que um jornalista inglês, no meio da multidão belga que aguardava sua saída do país em um hangar do aeroporto, gritou a frase emblemática que, mais tarde, serviria até de título para as suas memórias: “Anyone here been raped and speaks English?” (“Alguém aqui foi estuprado e fala inglês?”).

O grito insensível do repórter da BBC resumiu pra mim a natureza trágica, porém selvagemmente surrealista do próprio país, onde vários grupos étnicos rivais (...) eram colocados em rota de colisão com os burocratas das Nações Unidas que tentavam impor ordem ao caos. A mistura linguística e racial da ONU (...) tornaram a sede da ONU em Léopoldville em uma Torre de Babel. (BEHR, 1987: 137)<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> No original: “The BBC’s reporter’s callous cry summed up for me the tragic, yet wildly surrealist nature of the country itself, where several rival ethnic groups (...) were placed on a collision course with the United Nations bureaucrats attempting to impose order in chaos. The UN’s linguistic and racial mix (...) turned UN headquarters in Léopoldville into a Tower of Babel”

Segundo a repórter Debora Haynes, do *The New York Times*, a presença dos intérpretes em países como o Iraque e o Afeganistão é importante, por exemplo, na hora de conseguir entrevistas com líderes locais e entender melhor algumas particularidades culturais.<sup>54</sup> Muitas vezes, em zonas de guerra, o intérprete é responsável por manter em segurança a vida dos jornalistas estrangeiros. Andrei Netto, em seu livro “O Silêncio contra Muamar Kadafi”, relata que diversas vezes eram seus “fixers” (cidadãos locais que fazem o papel de motoristas, intérpretes e quebra-galhos para os correspondentes internacionais) os responsáveis por conhecer contatos ou por possibilitar a entrada em locais proibidos para jornalistas, por exemplo. Logo após os primeiros rumores da morte de Kadafi, Netto apenas conseguiu entender o que estava sendo transmitido pela televisão porque encontrou um senhor que falava francês (cf. NETTO, 2012).

Os intérpretes fazem toda a intermediação entre o jornalista e o entrevistado quando estes não falam uma mesma língua. De certa forma, eles acabam por interferir diretamente na transmissão e recepção da mensagem – como explica Timothy Ash, eles acrescentam por vezes algumas “pinceladas de cor”, “clichês interpretativos” e a “hipérbole” nos discursos dos entrevistados. O fato de trabalhar com um intermediário pode dificultar também a percepção de hesitações e derrapadas na fala, o que ajuda um jornalista a detectar mentiras ou possíveis assuntos sensíveis ao entrevistado.<sup>55</sup> O correspondente do *The New York Times* Berry Bearak conta dois casos envolvendo intérpretes que ilustram bem os pontos que estão sendo discutidos aqui. No primeiro, o jornalista, enquanto cobria os resultados de um furacão na República Dominicana para o jornal americano *The Miami Herald*, diz:

---

<sup>54</sup> Retirado do artigo “The role of interpreters in conflict zones”, disponibilizado pelo governo do Canadá no site: <http://www.noslangues-ourlanguages.gc.ca/collaborateurs-contributors/articles/interpretes-interpreters-eng.html>, acessado em maio de 2013.

<sup>55</sup> Essas particularidades do trabalho com interpretes são discutidas em um artigo do site Poynter.org, site oficial do Poynter Institute, uma escola de jornalismo dos Estados Unidos. O artigo completo está disponível no endereço: <http://www.poynter.org/how-tos/newsgathering-storytelling/194999/how-journalists-work-well-with-interpretors-when-reporting-stories/>, acessado em maio de 2013.

Eu fui a uma vila e praticamente tudo havia sido levado pela água. Eu entrevistei um homem que havia perdido tudo, e lágrimas caíam dos seus olhos e ele estava movendo as mãos para frente e para trás, e o intérprete disse algo como “eu estimo que o dano para a minha morada tenha sido substancial”. (BEARAK, 2012, em entrevista à jornalista Laura Shin)<sup>56</sup>

O segundo caso exemplifica como o intérprete pode, ao alterar a fala do entrevistado, acabar por dar novas significações e qualidades que não se tem como saber se realmente existiram na fala original. Enquanto Bearak trabalhava no vale Panjshir no Afeganistão, acompanhado por um intérprete, ele entrevistava tajkis que haviam sido expulsos de sua terra pelo Talibã. Uma mãe havia morrido enquanto atravessava uma ponte e Bearak entrevistou seu filho de 12 anos. O menino descreveu a situação da seguinte maneira: “Eu escutei por sua voz por um longo tempo, e então eu fui adiante”<sup>57</sup>. Em seguida, Bearak concluiu: “Eu sempre considerei essas aspas comoventes por sua simplicidade poética. Mas será que a simplicidade veio do menino ou de um tradutor com um vocabulário limitado?”<sup>58</sup>

O personagem e seu testemunho, em uma matéria jornalística, são de extrema importância para a própria veracidade do texto (CASADEI, 2010). A partir do personagem, o jornalista torna a história mais tangível. Afinal, “há muitas maneiras de escrever uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens” (SODRÉ e FERRARI, 1986: 115). Atuando como intermediário, o intérprete influencia diretamente a mensagem e também a visão do jornalista sobre uma história, podendo causar distorções na recepção desta.

---

<sup>56</sup> No original: “I went to some village and just about everything had been washed away. I interviewed some man who had lost everything, and tears were coming out of his eyes and he was moving his hands to and fro, and the interpreter said something like, ‘I estimate the damage to my dwelling to be substantial.’” A entrevista está disponível no link: <http://www.poynter.org/how-tos/newsgathering-storytelling/194999/how-journalists-work-well-with-interpretors-when-reporting-stories/>

<sup>57</sup> No original: “I listened for her voice for a long time and then I went on.” Em artigo sobre tradução e jornalismo pelo jornalista Bill Keller, disponível em: <http://readingroom.blogs.nytimes.com/2007/10/31/translation-and-journalism/>. Acessado em maio de 2013.

<sup>58</sup> No original: “I’ve always found that quote to be heart-breaking in its poetic simplicity. But did the simplicity come from the boy or a translator with a limited vocabulary?”

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma primeira instância, conseguimos concluir que há uma abertura interessante nos estudos do jornalismo para se analisar a tradução e vice-versa. Tanto na atividade jornalística quanto na atividade tradutória enxergamos momentos quando uma barreira linguística se faz presente, seja no produto final – texto – ou no processo de produção deste.

A tradução de notícias é importante porque é por meio delas que muitas das informações se tornam acessíveis para públicos cultural e linguisticamente diferentes. Ela aumenta a capacidade de concorrência das empresas jornalísticas, que produzem em escala mundial material que poderá concorrer com os materiais produzidos localmente nos países. Além disso, as traduções tornam mais fácil o trabalho dentro da própria redação ou entre redações, pois é muito mais rápido ler e assimilar uma informação escrita na sua própria língua do que tendo que traduzi-la de outra língua.

Não é uma questão de neutralidade ou equivalência absoluta, pois já vimos que esses dois ideais são impossíveis e até mesmo desaconselháveis a atingir. No jornalismo, é uma questão de fidelidade à informação, pois a mensagem precisa ser transmitida de forma clara ao público. No jornalismo internacional, por este acontecer em um ambiente de variedade cultural e linguística imensa, o cuidado com a clareza da informação se faz ainda mais necessário pois, ao transpor um fato de uma língua para a outra, de uma cultura para a outra, corre-se o risco de cair em erros de tradução que distorcem o fato e podem embuti-lo de qualidades e características não inerentes ao mesmo.

Nesse sentido, a falta de preocupação com a tradução e com as questões linguísticas por parte dos jornalistas que nem mesmo se enxergam como tradutores, apesar de realizar procedimentos próprios da tradução, pode gerar conflitos na compreensão e até mesmo escândalos. Jornalistas podem, por falta de conhecimento de particularidades linguísticas e culturais, incorrer em erros ou mal-entendidos que causam incompreensão no leitor. Afinal, nenhuma língua semanticamente e sintaxicamente suficientemente similar à outra para tal. Uma familiaridade com a cultura se faz necessária durante a tradução, pois o processo

tradutório no jornalismo é muito mais do que apenas uma transposição textual – é uma transposição cultural e linguística que envolve um conhecimento elevado da cultura em questão.

Não é, portanto, apenas o conhecimento do que e de quem está falando que vai ser suficiente para tornar uma informação clara para o público. É também o conhecimento de em que língua, do contexto cultural, da linguagem e de suas particularidades.

O estudo da tradução no jornalismo nos torna mais atentos aos processos manipulativos que ocorrem por trás daquilo que chega aos leitores e cria a dúvida de se há uma real possibilidade de saber exatamente o que foi e o que não foi dito quando em um contexto cultural diferente. Além de poder causar ruído, a tradução no jornalismo funciona como mais uma etapa de *gatekeeping* e sugere até mesmo uma manipulação do fato, podendo ser utilizada até para dar mais força e valor-notícia a um acontecimento.

Quando falamos do fluxo de notícias, quanto menos canais uma informação tiver de cruzar, melhor. Há uma maior chance de manter uma “fidelidade” quando o caminho é mais direto, pois ela vai ser manipulada menos vezes.

O presente trabalho abre um espaço de estudos que pode ser trabalhado em outros detalhes e profundidade, como por exemplo, ao estudar especificamente o papel dos intérpretes e fazer um apanhado de experiências pelas quais os correspondentes internacionais já tiveram contato com esse profissional; um estudo mais aprofundado das tarefas tradutórias executadas em agências de notícias, juntamente com uma análise do produto final dessa tradução; ou, ainda, uma análise da tradução de discursos e pronunciamentos oficiais, juntamente com as suas aspas e citações. Afinal, quando falamos em jornalismo internacional, a língua é um assunto de extrema importância e que vai sempre figurar de forma capital no dia-a-dia desses jornalistas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁFRICA-VIDAL, M. Carmen e ÁLVAREZ, Román. **Translating: A Political Act.** In: *Topics in Translation 8 - Translation, Power, Subversion.* Clevedon/Philadelphia/Adelaide: Multilingual Matters LTD, 1996, p. 01-09.

AGNEZ, Luciana e MOURA, Dione Oliveira. **Corresponsales internacionales: Problematización en torno a la era digital y el periodismo.** In: *ALAIC – Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación.* Ano 9, n. 17. São Paulo, 2012, p. 278-289.

AGUIAR, Pedro. **Por uma história do jornalismo internacional no Brasil.** Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2008.

AIXELÁ, Javier Franco. **Culture-specific Items in Translation.** In: *Topics in Translation 8 - Translation, Power, Subversion.* Clevedon/Philadelphia/Adelaide: Multilingual Matters LTD, 1996, p. 52-78.

ALMEIDA, Guy de. **O Jornalista Brasileiro e a Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação,** 1980. In: *Apostila de Jornalismo Internacional ECO/UFRJ 2008.2.* Disponível em: [http://academia.edu/3221207/Apostila\\_de\\_Jornalismo\\_Internacional\\_ECO\\_UFRJ\\_2008.2](http://academia.edu/3221207/Apostila_de_Jornalismo_Internacional_ECO_UFRJ_2008.2). Acessado em 20 de junho de 2013.

ARCHETTI, Cristina. **Reporting the Nation: Understanding the Role of Foreign Correspondents in 21<sup>st</sup> Century Public Diplomacy.** International Studies Association Annual Conference “Global Governance: Political Authority in Translation”. Montreal, Canada, 2011.

ASH, Timothy Garton. **Correspondente em extinção.** In: *Observatório da Imprensa,* São Paulo, edição 621, 21 dez. 2010. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/corresponde-em-extincao>> Acessado em 20 de maio 2012.

BASSNETT, Susan. **The Meek or the Mighty: Reappraising the Role of the Translator.** In: *Topics in Translation 8 - Translation, Power, Subversion.* Clevedon/Philadelphia/Adelaide: Multilingual Matters LTD, 1996, p. 10-24.

BASSNETT, Susan e BIELSA, Esperança. **Translation in Global News.** Nova York: Routledge, 2009.

BEHR, Edward. **Anyone Here Been Raped and Speaks English?.** Inglaterra: New English Library, 1987.

BOYD-BARRETT, Oliver. **As agências nacionais de notícias na turbulenta era**

da internet. Comunicação e Sociedade, 2012, disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewArticle/3149>>. Acessado em 10 de junho de 2013.

BRITTO, Denise Fernandes. **O papel do correspondente internacional na editoria exterior**. In: *XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: UNESP, 2004.

CASADEI, Eliza Bachega. **A Construção de Personagens no Jornalismo: entre a matriz de verdade presumida e a imaginação das urdiduras de enredos**. Rio de Janeiro: UFF, 2010. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/38/26>> Acessado em 10 de junho de 2013.

CLARK, Allen Stanley. **The Crisis of Translation in the Western Media – A Critical Discourse Analysis of Al-Qaeda Communiqués**. Tese de doutorado apresentada para na Graduate School of the Ohio State University, Ohio, 2009.

COHEN, Bernard C. **The Press and Foreign Policy**. Institute of Governmental Studies, California: University of California, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4ª edição, Curitiba: Ed. Positivo, 2009.

FUJII, Akio. **News Translation in Japan**. Meta : journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal, vol. 33, n° 1, 1988, p. 32-37.

GALTUNG, Johan e RUGE, Mari Holmboe. **A estrutura do noticiário estrangeiro – A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro noticiários estrangeiros**. In: *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*. Org. Nelson Traquina. 2ª edição, Lisboa: Vega, 1999, p. 61-73.

GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. 2ª edição revisada, São Paulo: Madras, 2009.

GUMPERZ, John J. **Language and social identity**, University of Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HOOG, Emmanuel. **News agencies in the digital era**. Maio de 2012. Disponível em: <http://www.afp.com/en/node/107135/>. Acessado em 02 de junho de 2013.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo – O que os jornalistas devem saber o e público exigir**. São Paulo: Geração editorial, 2003.



LAVAUULT-OLLÉON, Élisabeth e SAURON, Véronique. **Journaliste et traducteur: deux métiers, deux réalités.** ILCEA, 2009. Disponível em: <http://ilcea.revues.org/index210.html>. Acessado em 20 de maio de 2013.

LE PETIT ROBERT DE LA LANGUE FRANÇAISE, Dictionnaire. Versão digital. Disponível em: <https://login.ezproxy.bibl.ulaval.ca>. Acessado em 20 de junho de 2013.

MANUAL DE REDAÇÃO: FOLHA DE S. PAULO. 17. ed. São Paulo: Publifolha, 2011.

MCNELLY, John. **Intermediary Communicators in the International Flow of News.** In: *Journalism Quarterly*, vol. 36, 1959, p. 23-26.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional.** São Paulo: Contexto, 2004.

NETTO, ANDREI. **O Silêncio contra Muamar Kadafi.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NOVO MANUAL DA REDAÇÃO. Folha de São Paulo, 7ª edição, 1998.

POLCHLOPEK, Silvana Ayub e ZIPSER, Meta Elizabeth. **A tradução de notícias: novos rumos para a pesquisa em tradução.** Disponível em: <http://sare.anhanguera.com/index.php/rtcom/article/view/125/>. Acessado em 10 de abril de 2013.

POLCHLOPEK, Silvana Ayub. **A interface tradução-jornalismo - Um estudo de condicionantes culturais e verbos auxiliares modais em textos comparáveis da revista Veja e Time.** Dissertação de mestrado apresentada ao curso de pós-graduação em estudos da tradução da UFSC, Florianópolis, 2005.

ROBINSON, Piers. **The CNN effect: can the news media drive foreign policy?.** In: *Review of International Studies*, 25, 1999, p. 301-309.

SCHAFFNER, Christina. **Translation in the Global Village.** Clevedon/Philadelphia/Adelaide: Multilingual Matters LTD, 2000.

SNELL-HORNBY, Mary. **Translation Studies: An Integrated Approach.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** 5ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. Volume I – Porque as notícias são como são.** 2ª edição, Florianópolis: Insular, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **O Estudo do Jornalismo no Século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TSAI, Claire. **Inside the Television Newsroom: An Insider's View of International News Translation in Taiwan**. In: *Language and Intercultural Communication*, vol. 5, 2005, p. 145-153.

TUCHMAN, Gaye. **A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas**. In: *Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"*. Org. Nelson Traquina. 2ª edição, Lisboa, Vega, 1999, p. 74-90.

VAN DJIK, Teun A. **Power and the News Media**. In: *Political Communication in Action: states, institutions, movements, audiences*. Hampton Press, 1996. Disponível em: <http://www.discourses.org/OldArticles/Powerandthenewsmedia.pdf>. Acessado em 18 de maio de 2013.

VENUTI, Lawrence. **The Scandals of Translation**. New York: Routledge, 1999.

VUORINEN, Erkkka. **News translation as gatekeeping**. In: *Translation as Intercultural Communication*. Praga: John Benjamins, 1986.

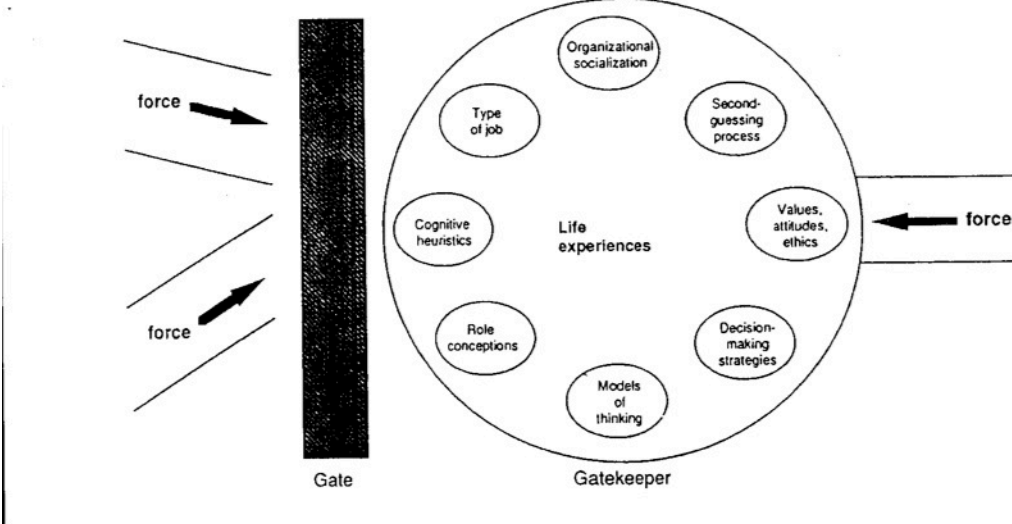
VYBIRALOVA, Hana. **Journalistic Translation in the selected Czech Press**. Brno: Masaryk University, 2012.

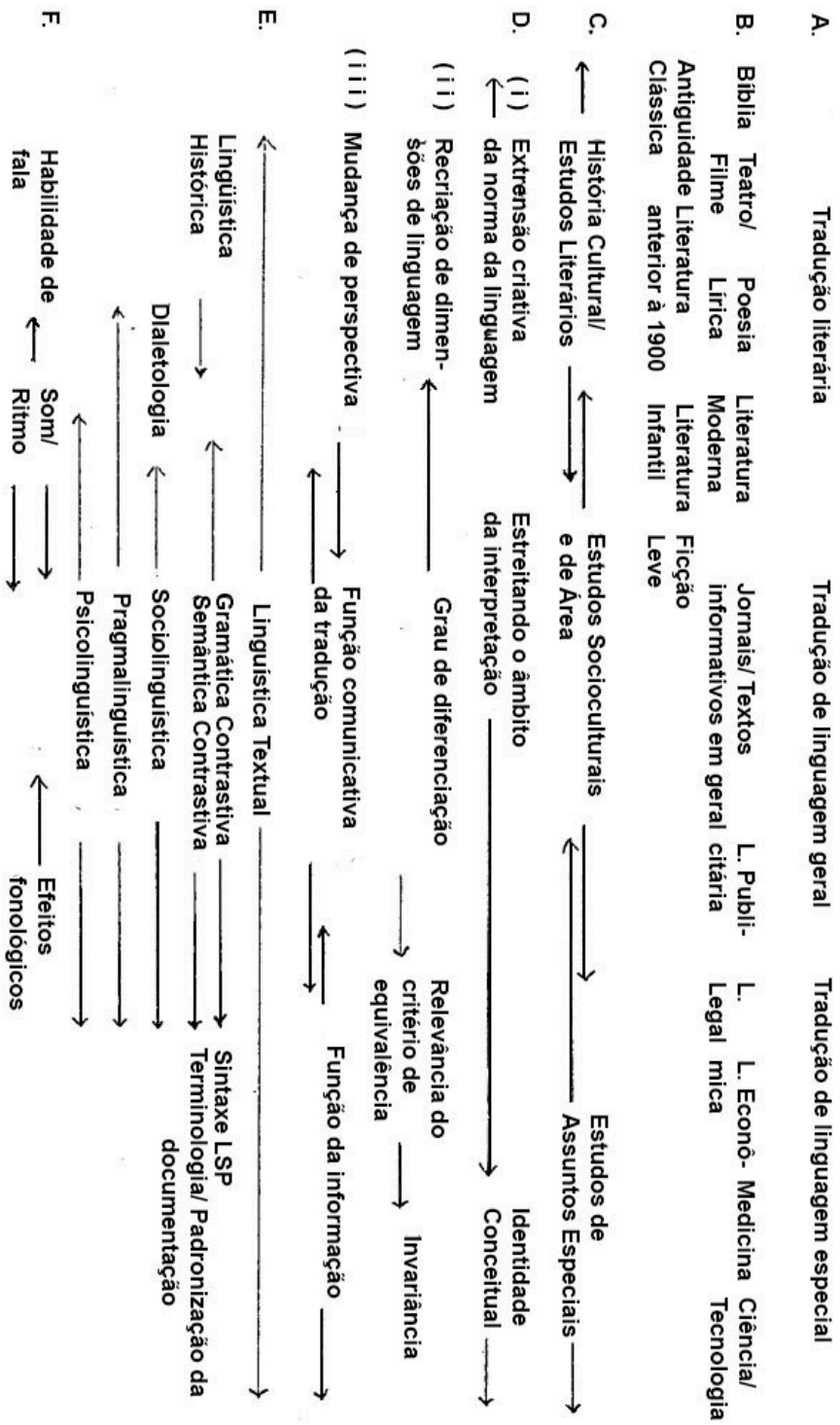
ZIPSER, Meta Elisabeth; POLCHLOPEK, Silvana Ayub. **A interface tradução-jornalismo: uma nova experiência em tradução**. *Eletras*, vol. 18, n.18, julho de 2009, p.192-210.

ZIPSER, Meta Elisabeth. **Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque a tradução como representação cultural**. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2002.

**ANEXOS**

**ANEXO 1**





## ANEXO 3

SECRETARY GENERAL

**FIFA®**

*For the Game. For the World.*

Exmo. Sr.  
Ministro do Esporte  
Aldo Rebelo

Zurique, 5 de março de 2012  
SG/chs

Prezado Senhor Ministro,

Escrevo-lhe hoje para tratar dos acontecimentos dos últimos dias.

Eu lamento profundamente que a interpretação incorreta das minhas palavras tenha causado tanta preocupação. Em francês, "*se donner un coup de pied aux fesses*" significa apenas "acelerar o ritmo", e, infelizmente essa expressão foi traduzida para o português usando palavras muito mais fortes.

Portanto, gostaria de pedir desculpas ao Sr. e também a qualquer pessoa que tenha se sentido ofendida com as minhas palavras.

Há certamente um ar de preocupação na FIFA, e, sendo eu, em última análise, a pessoa responsável por esta Copa do Mundo, estou sob bastante pressão. A Copa do Mundo é a chave de todo o nosso sistema. Estou confiante que não existe nenhum problema que não possa ser superado com os esforços da FIFA, do Comitê Organizador Local e das autoridades brasileiras, nos seus diferentes níveis.

Gostaria de reiterar, como fiz em muitas ocasiões, que o Brasil é e sempre será a única opção para sediar a Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014™. Por favor esteja seguro que fazer com que a Copa do Mundo no Brasil, um país pelo qual tenho imenso respeito e admiração, seja um sucesso não é só é um dos meus deveres mas o meu maior desejo.

Mais uma vez, eu lamento a repercussão negativa nos meios de comunicação.

Atenciosamente,  
FIFA



Jérôme Valcke  
Secretário-Geral

ANEXO 4



Ofício nº 16 /2012/GM-ME

Brasília, 5 de março de 2012.

A Sua Excelência o Senhor  
**JOSEPH SEPP BLATTER**  
Presidente da FIFA  
Lausanne-Suíça

Senhor Presidente,

1. Ao longo dos últimos anos, especialmente com a aproximação da Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil, as relações entre o Governo Brasileiro e a FIFA têm se pautado pelo mais alto nível de respeito, cordialidade e reciprocidade.
2. O Brasil sempre se portou, tanto na candidatura como na organização do mundial, de forma correta e consciente da sua capacidade de realizar a XX Copa do Mundo de Futebol.
3. Assim sendo, recebemos com espanto as inapropriadas declarações do Senhor Jérôme Valcke nos últimos dias à imprensa internacional. A forma e o conteúdo das declarações escapam aos padrões aceitáveis de convivência harmônica entre um país soberano como o Brasil e uma organização internacional centenária como a FIFA.
4. Diante desta realidade, o Governo Brasileiro não pode mais aceitar, nas suas tratativas com a FIFA, o Senhor Jérôme Valcke como interlocutor durante a preparação desse mundial.
5. Estamos empenhados e confiantes na construção de uma grande Copa.

Com apreço,

  
**ALDO REBELO**  
Ministro de Estado do Esporte  
Governo da República Federativa do Brasil